



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

GUSTAVO HENRIQUE BISCOLA PEREIRA

HORIZONTES GEOGRÁFICOS:
A POESIA DE YOSHINOBU SEKO COMO EXPRESSÃO DA
GEOGRAFICIDADE DO ESPAÇO-AMBIENTE

GUSTAVO HENRIQUE BISCOLA PEREIRA

HORIZONTES GEOGRÁFICOS:
A POESIA DE YOSHINOBU SEKO COMO EXPRESSÃO DA
GEOGRAFICIDADE DO ESPAÇO-AMBIENTE

Londrina
2011

GUSTAVO HENRIQUE BISCOLA PEREIRA

HORIZONTES GEOGRÁFICOS:
A POESIA DE YOSHINOBU SEKO COMO EXPRESSÃO DA
GEOGRAFICIDADE DO ESPAÇO-AMBIENTE

Trabalho de Conclusão de Curso de
Geografia apresentado ao Departamento de
Geociências da Universidade Estadual de
Londrina para obtenção do título de
Bacharel.

Orientador: Profa. Dra Yoshiya Nakagawara
Ferreira

Londrina
2011

GUSTAVO HENRIQUE BISCOLA PEREIRA

HORIZONTES GEOGRÁFICOS:
A POESIA COMO EXPRESSÃO DA GEOGRAFICIDADE DO ESPAÇO-
AMBIENTE

Trabalho de Conclusão de Curso de
Geografia apresentado ao Departamento de
Geociências da Universidade Estadual de
Londrina para obtenção do título de
Bacharel.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ____ de ____ de ____.

Dedico este trabalho a todos os meus
familiares e amigos que sempre me apoiaram
nos momentos mais importantes da minha
vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao apoio contínuo de toda minha família.

Aos professores e funcionários do Departamento de Geociências da UEL que me orientaram e me ensinaram a ver o mundo com as lentes geográficas.

Agradeço aos colegas da biblioteca pessoal da Profa. Yoshiya, pelo convívio fraternal e familiar que me propuseram nos encontros quase que diários.

Aos meus amigos que me proporcionaram e que ainda proporcionam ótimos momentos e muitas lembranças em minha vida, em especial para: Amanda Zilli, Bruno Bergamo e Elder Prado.

Agradeço à Profa. Yoshiya que sempre me apoiou e incentivou durante a orientação e o desenvolvimento deste trabalho e que dos seus inúmeros ensinamentos me apresentou a obra de Yoshinobu Seko.

**“Nos versos amigos meus
navegantes indomáveis desta paixão,
cortar o ar, caçar o tom,
deixar minha mão guiar meus sonhos
na terra dos sentimentos,
como faz um viajante: sempre a
procurar horizontes”**

Almir Sater

PEREIRA, Gustavo Henrique Biscola. **Horizontes Geográficos**: a poesia de Yoshinobu Seko como expressão da geograficidade do espaço-ambiente. 2011. 82f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

RESUMO

Esta pesquisa analisa uma das fronteiras geográficas com o Humanismo, aprofundando para a fenomenologia. O tema de estudo foi **Horizontes Geográficos**: a poesia de Yoshinobu Seko como expressão da geograficidade do espaço-ambiente. O principal objetivo deste trabalho é compreender a relação entre Ciência e Arte, convergindo para os conhecimentos de Geografia e Arte, incorporando no estudo da Geografia Humanística. Os conceitos fundamentais de “espaço vivido”, “espaço-vivo” e “lugar”, delinearam o desenvolvimento e a metodologia da pesquisa. O objeto de estudo, a produção poética do imigrante japonês Yoshinobu Seko, foi o texto, no contexto e na tentativa de resgatar a geograficidade em sua obra poética intitulada “Poemas do Lavrador”, editada em 1997. A pesquisa demonstrou a importância da ligação entre o território e a vivência humana, constatando que, por meio da Arte-Memória, Arte-Literatura e Arte-Vida, são relações inseparáveis onde há a presença da condição humana através do que se convencionou chamar de linguagem literária. Foi possível perceber que o caminho trilhado pela integração de saberes foi essencial para identificar a geograficidade e também a relação entre a territorialidade que se estabelece no espaço vivido. A intermediação da cultura nos valores atribuídos pelo homem aos lugares vividos revelou também que a espacialidade que se comunica com a Terra é fundamental para a sua vida. Nas relações sociais, psíquicas e espaciais do homem, que testemunha as transformações da Terra, demonstraram a evolução da sua vida e os seus pensamentos.

Palavras-chave: Ciência e Arte. Geografia e Arte. Geografia e Poesia. Geograficidade. Geografia Humanística. “Espaço Vivido” e “Espaço-Vivo”.

PEREIRA, Gustavo Henrique Biscola. **Geographical Horizons**: the poetry of Yoshinobu Seko as an expression of the geographicity of space-environment. 2011. 82f. Completion of Course Work (Baccalaureate in Geography) – State University of Londrina, Londrina.

ABSTRACT

This research analyzes one of geographycal borders with Humanism deepening to phenomenological approach. The subject of study was **Geographical Horizons**: the poem of Yoshinobu Seko as an expression of the geographicity of space-environment. The main objective of this study is to understand the relationship between Science and Art, converging to the knowledge of Geography and Art, incorporating the study of Humanistic Geography. The fundamental concepts of "living space", "space-alive" and "place" outlined the development and research methodology. The object of study, the poetic production of the japanese immigrant Yoshinobu Seko, was the text in context and attempt to rescue the geographicity in his book, entitled "Rural Worker Poems", edited in 1997. The research related the importance of the link between the territory and the human experience, noting that, by Art-Memory, Art-Literature and Art-Life are inseparable relationship where there is the presence of the human condition through the so-called literay language. It was possible to see that integration of knowledge was essential to identify the geographycity and the relationship between territoriality established in lived space. The role of culture in the values attributed by man to lived places also revealed the spatiality is important to comunicates with Earth is fundamental to your life. In social, psiychics and space relations of the man, that witnesses the transformation of the Earth, could show the evolution of his life and his thoughts.

Key words: Science and Art. Geography and Art. Geography and Poetry. Geographicity. Humanistic Geography. "Living Space" and "Space-Live"

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA.....	11
1.1 CIÊNCIA E ARTE.....	11
1.2 GEOGRAFIA E ARTE.....	14
1.3 GEOGRAFIA HUMANÍSTICA.....	17
1.4 FENOMENOLOGIA.....	21
1.5 GEOGRAFICIDADE E LUGAR.....	23
1.6 MEMÓRIA.....	29
1.7 O ESPAÇO-VIVO.....	32
2 GEOGRAFIA E LITERATURA.....	38
2.1 GEOGRAFIA E POESIA.....	41
3 A GEOGRAFICIDADE TRANSFIGURADA PELA POESIA E SUA VISIBILIDADE SOCIAL, PSÍQUICA E ESPACIAL.....	46
3.1 RESGATE GEOGRÁFICO NA OBRA DE YOSHINOBU SEKO.....	46
3.2 LUGAR, AFETIVIDADE E EXPERIÊNCIA.....	48
3.3 REMINISCÊNCIA RURAIS.....	52
3.4 O BRASIL INTERNALIZADO EM SUA GEOGRAFICIDADE.....	57
3.5 A DIMENSÃO DA VIDA E DA MORTE.....	62
3.5.1 Passagens Fúnebres.....	62
3.5.2 Família.....	66
3.6 TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM RURAL, DA URBANA, DA REGIÃO E SUA CONCRETUDE.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS.....	78
BIBLIOGRAFIA	80

INTRODUÇÃO

O conhecimento científico passa por uma série de discussões sobre a necessidade de reformulações conceituais e metodológicas que têm afetado tanto a Ciência em geral como também o pensamento geográfico.

As bases filosóficas das teorias, conceitos e métodos empregados para desvendar a realidade e a natureza das coisas mostraram-se insuficientes para a compreensão do mundo contemporâneo. A Geografia, assim como as demais ciências, acompanha o processo de expansão da natureza dos conhecimentos e amplia novos horizontes e novas perspectivas na compreensão dos fenômenos geográficos.

Ao tratar das fronteiras do conhecimento, é preciso perceber que tanto o relativismo epistemológico quanto o pluralismo metodológico, envolvem e admitem articulações entre os conhecimentos.

As fronteiras do conhecimento nos servem mais como *horizontes*, que podem nos conduzir em direção as novas possibilidades de exploração do conhecimento geográfico, utilizando-se de vários saberes e de inúmeras vertentes de estudos geográficos.

Este trabalho se situa em uma das fronteiras ligadas ao Humanismo, aprofundando para a vertente fenomenológica, tendo como tema de estudo **HORIZONTES GEOGRÁFICOS**: a poesia de Yoshinobu Seko como expressão da geograficidade do espaço-ambiente.

Qualquer estudo que tenha por tema as categorias Ciência e Arte, independente do problema ou da indagação que se queira aprofundar sobre o assunto, poderá trilhar o caminho da interdisciplinaridade.

No desenvolvimento da fundamentação teórico-metodológica, procuramos autores que se aprofundaram na epistemologia do conhecimento científico, principalmente nas áreas de Geografia, Filosofia, História, Sociologia e na Arte.

O principal objetivo deste trabalho é compreender a relação entre Ciência e Arte, aprofundando para os conhecimentos de Geografia e Arte, no âmbito da Geografia Humanística, tomando como objeto de estudo, a produção poética de Yoshinobu Seko, imigrante japonês de “alma” londrinense, na tentativa de resgatar a geograficidade em sua obra mais recente intitulada “Poemas do lavrador”, de 1997.

Esta pesquisa está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo, desenvolvemos a Fundamentação Teórica e Metodológica, onde trabalhamos primeiramente a identificação entre Ciência e Arte, aprofundando para Geografia e Arte. Foi utilizada a abordagem da Geografia Humanística e a Fenomenologia como filosofia subjacente. Em seguida, desenvolvemos um subtópico sobre Geograficidade e Lugar, convergindo para os estudos referentes à Memória e ampliando as leituras e o suporte teórico do trabalho com o subtópico intitulado “Espaço-Vivo”.

No segundo capítulo, trabalhamos com autores que mostraram as aproximações entre Geografia e Literatura, aprofundando posteriormente para a Geografia e Poesia, demonstrando a importância dessas linguagens para uma melhor apreensão e compreensão do mundo e da condição humana.

No terceiro e último capítulo, desenvolvemos o trabalho a partir do livro Poemas do Lavrador, de Yoshinobu Seko. A obra poética foi dividida, para efeito da sua análise em cinco tópicos temáticos, na tentativa de resgatar a geograficidade, analisando e identificando as transformações espaciais, sociais e psíquicas, constantes dessa obra, paralelamente às transformações sócio-espaciais da região norte-paranaense.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

1.1 CIÊNCIA E ARTE

No livro *Polifônicas Idéias – Por uma Ciência Aberta* (2003), composto de vários autores do grupo de estudos da complexidade, há artigos que relatam sobre as grandes mudanças que estão ocorrendo na sociedade e também no conhecimento científico.

No prefácio desse trabalho, Morin, com a colaboração de Tellez registrou o seguinte:

Temos o sentimento acentuado de uma insuficiência dos velhos métodos científicos baseados na compartimentação, na fragmentação, na redução ao simples e ao lógico matemático. Temos o sentimento de que algo envelheceu irremediavelmente nos métodos que conheceram o sucesso, mas que hoje não podem mais responder ao desafio global – diversificado, multiplicado – da complexidade. (MORIN; TELLEZ, 2003 In: ALMEIDA, KNOBB, ALMEIDA, 2003, p.7).

Os autores citados enfatizam que os antigos métodos científicos, baseados em conhecimento específico, sem interligação com os vários ramos do saber, hoje já não servem para explicar a realidade do mundo contemporâneo.

Morin e Tellez (2003), prosseguindo nesse pensamento, complementam que, diante dessa turbulência nas idéias e nas construções intelectuais, é necessário romper com as amarras da tradição do pensamento filosófico-científico, trabalhando para que o conhecimento científico seja mais lúcido, religando, contextualizando, globalizando saberes até aqui fragmentados e compartimentados, articulando, de maneira fecunda, as disciplinas umas nas outras.

Entretanto, é necessário que o geógrafo explore as fronteiras dos saberes para poder trilhar por estes *horizontes*, procurando corresponder diante desses novos desafios que se expressam no mundo, partindo dessa complexidade sem, entretanto, ofuscar um dos princípios que estruturaram a ciência geográfica: o estudo das relações do *ser humano e seu ambiente*.

Fry (2002), que viveu entre os anos de 1886 a 1934, escreveu uma série de artigos para revistas de Arte e revelou-se um talentoso crítico e conferencista; publicou uma coletânea de ensaios chamada *Visão e forma*, que foi o seu primeiro livro publicado. Sua obra não é apenas considerada a mais importante para a Arte Moderna na Inglaterra, como também uma referência fundamental para

toda a pintura pós-impressionista. Entre estes ensaios escritos entre 1900 e 1920, está o da *Arte e Ciência*, onde procura descrever de forma clara as analogias da arte com a ciência, quando diz:

Ambos os aspectos – o particularizante e o generalizante – têm seus equivalentes na arte. A curiosidade leva o artista a examinar todas as formas possíveis na natureza: sob este estímulo, ele tende a aceitar cada forma, em toda sua especificidade como um fato dado e inalterável. (FRY, 2002, p.106).

Nessa perspectiva, o artista, mesmo não tendo o compromisso empírico com a verdade fatural, explora criadoramente todas as potencialidades expressivas do seu objeto. O autor assinala que tanto a ciência quanto a arte buscam como objetivo maior, a maior generalização possível, quando analisa o seguinte:

[...] em ambos, a mente mantém-se em um equilíbrio que se deleita na contemplação das relações necessárias entre todas as partes do conjunto, de modo que não há necessidade de fazer referência ao que está fora da unidade, que se torna neste momento, um universo. (FRY, 2002, p.107).

O autor ainda prossegue convincente dessas estreitas relações entre métodos e objetivos da Arte com os da Ciência, porém ele apresenta uma dúvida em relação ao *grau que são idênticos*, e este é um ponto importante. Ele frisa o seguinte:

É provável que, a fim de avançar mais, teremos de esperar que os psicólogos solucionem vários problemas. Enquanto isso caberia pelo menos indicar, admitindo-se que os motivos da ciência são emocionais, que muitos de seus procedimentos são estritamente intelectuais, isto é, mecânicos. Poderiam ser realizados por um cérebro perfeitamente insensível e desprovido de emoções, ao passo que nenhum momento do procedimento artístico é possível descartar o sentimento. De certo modo, isso é confirmado pela linguagem corriqueira, na qual se fala de *ver* uma questão ou um argumento, ao passo que se *sente* a harmonia de uma obra, por algum motivo, atribuímos uma qualidade emocional mais constante ao sentimento que à visão, que é requisitada com mais frequência para fins friamente práticos. (FRY, 2002, p.107).

Seu tom irônico demonstra a necessidade do questionamento do modelo do paradigma do conhecimento moderno, ou seja, um questionamento de linguagem. Ele faz crítica ao modelo de produção do conhecimento científico que, ignorando a intencionalidade do sujeito perante o objeto de análise, defende a linguagem objetiva, com o uso da precisão, da clareza, da objetividade, da coerência, da impessoalidade, entre outros, ao passo que o procedimento artístico

só se realiza partindo de uma linguagem subjetiva, aceitando o sentimento como matéria-prima básica e essencial. Ele faz uma distinção entre o “ver” da Ciência, que remete à idéia de distância do sujeito em relação ao objeto e o “sentir” da Arte, relacionada à possibilidade de experimentar outras possibilidades livres do “dogma” da verdade.

Mesmo diferenciando as linguagens da Ciência (verdade) e Arte (experimentação), para esse mesmo autor talvez o maior prazer na arte seja equivalente ao mais elevado prazer na teoria científica, quando afirma o seguinte:

A emoção que acompanha o claro reconhecimento da unidade num complexo parece tão similar na arte e na ciência, que é difícil não supor que ambos sejam idênticos em termos psicológicos. Trata-se por assim dizer, da etapa final de ambos os processos. Essa unidade-emoção manifesta-se na ciência em seguida a um processo de estrito raciocínio mecânico; na arte ela segue-se a um processo do qual a emoção foi o tempo todo algo concomitante e indispensável. (FRY, 2002, p.108).

Portanto, este autor deixa bem clara sua consciência de que Ciência e a Arte não são inteiramente distintas, apresentando, em certa medida, dependência de uma em relação à outra, todavia, elas podem ser consideradas “isoladas” com o objetivo de concentrar nossa atenção.

Diante de tais obras tampouco podemos evitar de atribuir implicitamente a seus autores o mesmo tipo de capacidade que, na ciência, chamaríamos de grande intelecto, embora talvez em ambos os casos melhor seria empregar a expressão “grande organização imaginativa”. (FRY, 2002, p.109).

Diante dessa discussão, percebe-se que, tanto a arte quanto a ciência, necessitam dessa “organização imaginativa” para constituir deslocamentos essenciais para a ampliação dos experimentos de mundo.

Sendo assim, procuramos nos aprofundar na arte da Literatura, mais especificamente na Poesia, que ocupa um lugar significativo na consciência da humanidade e que expressa e ajuda a compreender o entrelaçamento que há entre o artista e seu ambiente.

Neste sentido, os geógrafos vêm trilhando, ao longo dos anos, alternativas que possam romper com as amarras do pensamento, buscando compreender esse diálogo que se estabelece, visando também contribuir com o campo teórico geográfico.

No entanto, além de abrir e explorar essas fronteiras do conhecimento é preciso superar uma série de dicotomias estabelecidas na Ciência Moderna, enfrentando a separação entre os saberes (Ciência, Filosofia, Arte, Conhecimento-Escolástico) para que então ocorra uma maior integração e colaboração entre os conhecimentos, indicando novos caminhos para o desenvolvimento do conhecimento científico e consequentemente, para a ciência geográfica.

Nesta tentativa de integrar, articular e avançar no desenvolvimento de novas posturas, gostaríamos de auxiliar na *tão* discutida (*mas não esgotada*) relação do ser humano com o seu ambiente, através de uma identificação entre Ciência e Arte, transpondo para a Geografia e Arte, buscando compreender melhor a questão da vida humana em seu espaço-ambiente.

1.2 GEOGRAFIA E ARTE

O geógrafo Pedro Pinchas Geiger, em um artigo sobre *Ciência, Arte e a Geografia no Cinema de David Lynch (2004)*, afirma que a Ciência não tem por objeto os conceitos, propriamente, mas as funções, que nos sistemas discursivos se apresentam como proposições. A ciência define o estado das coisas, suas funções e lança proposições referenciais. Para esta tarefa, ela não necessita da filosofia, pode renunciar às questões do infinito, desnecessárias para referenciar os seus objetivos.

Quanto à Arte, “[...] ela traça um plano de composição, que carrega sensações que atingem afeições e com os quais constrói monumentos. Ela cria no finito, mas tenta reestruturar no infinito.” (GEIGER, 2004, p. 13).

Geiger (2004), apoiando-se nos filósofos Deleuze e Guattari, afirma o seguinte:

O filósofo apresenta as variações. O cientista comparece com as variáveis e se ocupa dos processos de formação. Quanto ao artista, citando Paul Klee, ele produz variedades, apresenta as formas acabadas. Os objetos de arte se conservarão enquanto se conservarem seus suportes materiais. [...] Contudo, se os três pensamentos não se sintetizam, nem se identificam uns com os outros, no entanto, os autores citados o afirmam, eles se cruzam e se entrelaçam, formando rico tecido de correspondência, que se estabelece entre os 3 planos, e dando margem a uma rede com pontos culminantes. (GEIGER, 2004, p. 13).

Prosseguindo nesse pensamento, é importante transcrever as advertências desses filósofos, que na observação de Geiger, apontam para os perigos que podem decorrer pela “[...] falta de um cuidado maior ao significado de entrelaçamento dos três planos, quanto a estes pontos culminantes da rede por ele formada.” (GEIGER, 2004, p.14). Na concepção de Geiger, os três planos referidos, o científico, o artístico e o filosófico, devem ter sempre correspondência, estabelecendo a interdisciplinaridade entre esses saberes, pois, sem esse suporte a ciência geográfica pouco avança.

Com o subitem, *Geografia e Arte com maiúscula e com minúscula*, Geiger retoma alguns pontos epistemológicos da Geografia quando assim se refere,

Um número crescente de geógrafos vem se posicionando a favor da ampliação do diálogo da Geografia com a Arte. Tendência que vem refletindo uma condição geral contemporânea, e que vem sendo designada de pós-moderna. (GEIGER, 2004, p. 14).

Ao verificar essa ampliação do diálogo entre Geografia e Arte, Geiger (2004) cita alguns fatores como: a crítica ao cientificismo, a relativização dos princípios da causalidade e da determinação, particularmente quando aplicados em processos sociais; o esmaecimento, no próprio pensamento marxista, do limite entre infra-estrutura e super-estrutura.

Esses fatores mencionados acima são também alguns dos pontos que sustentam uma corrente de pensamento vinculada ao humanismo na qual se inserem algumas das novas tendências da Geografia.

Finalizando seu pensamento, Geiger (2004) salienta que o importante é estabelecer um tecido de correspondência entre os três, o científico, o artístico e o filosófico. Um texto geográfico, na concepção deste autor, deve conter estilo, pode transmitir prospectos e afectos, estimular conceitos.

O desenvolvimento cultural contemporâneo se mobiliza nessa direção através de uma interdisciplinaridade crescente. Geiger (2004) relata que no próprio campo da Arte se observam os artistas se apropriando das denominados mídias (não consideradas como da tradição da Arte) e de métodos de outras práticas, vindas das Ciências Sociais, da Antropologia, da Linguística, por exemplo, demonstrando que na sociedade contemporânea essa integração já é uma realidade.

Na atual fase pós-moderna, a Geografia, como outras ciências, principalmente as Ciências Sociais, passam a exigir de seus praticantes um lastro

cultural crescente, pois os fenômenos sociais, econômicos, naturais, culturais, entre outros fatores estão integrados na realidade contemporânea.

Bosi, em seu livro *Reflexões sobre a Arte* (1995), retrata de forma clara a Arte, esta, sendo como uma atividade fundamental do ser humano e que este “contato” é um modo específico que o homem utiliza para se relacionar com o mundo, conforme salienta:

É preciso refletir sobre este dado incontornável: a arte tem representado, desde a Pré-História, uma atividade fundamental do ser humano. Atividade que ao produzir objetos e suscitar certos estados psíquicos no receptor, não esgota absolutamente o seu sentido nessas operações. Estas decorrem de um processo totalizante, que as condiciona: o que nos leva a sondar o ser da arte enquanto modo específico de os homens entrarem em relação com o universo e consigo mesmos. (BOSI, 1995, p.8).

A Arte pela sua espontaneidade e manifestação, fala de coisas, de sentimentos, de aspectos internos humanos, da condição humana, pode-se relacionar livremente e profundamente com a Geografia, com a vantagem de estar livre das amarras do racionalismo científico.

Bosi (1995), que é um pesquisador social, professor universitário, crítico e historiador de Literatura e Cultura brasileira e italiana, e representante imortal da Academia Brasileira de Letras, partindo desse processo totalizante que envolve a Arte, vai mais além quando diz que:

Hoje, a fusão, tantas vezes dissonante, de grito e maneira poderá levar a uma reconsideração do caráter plural do trabalho artístico, que passa pela mente, pelo coração, pelos olhos, pela garganta e pelas mãos; e pensa e recorda e sente e observa e executa e fala e experimenta e não recusa nenhum momento essencial do processo poético. (BOSI, 1995, p.71).

Diante dessa “reconsideração do caráter plural” nos dias de hoje, em um universo visto não mais como um algo fechado ou imóvel, mas relativizado e em expansão, como o proposto pela física moderna, não existe razão para não aceitar a Arte como um processo onde “[...] os símbolos transitam de maneira viva, brilhante e efêmera”. (BOSI, 1995,p.71).

Tendo em vista o conhecimento geográfico, procuramos desenvolver um texto geográfico como o referido por Geiger (2004, p.14), quando diz que [...] “um texto geográfico deve conter estilo, podendo transmitir prospectos e afectos, estimular conceitos.”

Logicamente que não torna o trabalho mais fácil, mas proporciona uma dedicação diferenciada, onde se confluem estímulos, vontades e em certas doses, muita audácia. Partindo desse ponto de vista, prosseguimos em direção ao *gostar do fazer geográfico*.

Para tanto é necessário refletir sobre a abordagem que procuramos desenvolver neste trabalho, no campo da Geografia Cultural, onde o subcampo denominado Geografia Humanística se desenvolveu, e sobre sua filosofia subjacente, a Fenomenologia.

1.3 GEOGRAFIA HUMANÍSTICA

De acordo com Ribeiro (2006), desde os tempos mais remotos, a atividade geográfica fundamentou-se na tradição humanística e nas percepções ambientais de seus praticantes. Contemporaneamente, a abordagem “humanística” na Geografia recebeu crescente atenção dos geógrafos e foi paralela ao crescimento da perspectiva humanística em outras ciências humanas. Principalmente a partir dos anos 60, a Geografia buscou resgatar e revalorizar os estudos humanísticos e a maneira de explorar os lugares e as paisagens da Terra, em contraposição aos princípios deterministas e mecânicos da Ciência Moderna, desenvolvendo questões ligadas aos significados estéticos, literários, linguísticos e éticos, ampliando as questões até então investigadas.

Amorim Filho (1999, apud RIBEIRO, 2006, p.31), identificou neste “campo recente” da Geografia Humanística, vários temas presentes nos estudos dos geógrafos, tanto nacionais quanto internacionais, como por exemplo, “[...] toponímia, toponímia e toponímia, patrimônios culturais, mapas mentais, paisagens, lugares sagrados e míticos, literaturas regionais e urbanas,” assim como legislações sobre meio ambiente e paisagens, tempos e espaços experienciais, riscos ambientais e suas avaliações, entre outros.

Na Geografia, a abordagem humanística, é melhor ilustrada pelo trabalho de geógrafos como Tuan (1974), Buttimer (1976, 1983), Relph (1979), Lowenthal (1978), Entrikin (1980), Pocock (1981), Bailly (1983) Livia de Oliveira (1977), Holzer (1992), Mello (1991), Amorim Filho (1985,1999), entre outros.

Para Entrikin (1980), a abordagem humanística é definida por seus defensores, em Geografia e em outras ciências humanas, como uma reação contra

o que eles acreditam ser um objetivo superficial, uma visão estreita, mecanicista e determinística do homem, conforme salienta na seguinte passagem:

[...] a abordagem humanística é melhor entendida como forma de criticismo. Enquanto crítica, a abordagem humanística contribui para a oposição aos objetivos superficiais e às tendências para abstração de alguns geógrafos científicos. (ENTRIKIN, 1980, p. 5).

Para Tuan (1982), em seu texto *Humanistic Geography*, a Geografia Humanística reflete sobre os fenômenos geográficos com o propósito de alcançar melhor entendimento do ser humano e de sua condição, por onde se entrosas com as Humanidades e Ciências Sociais no sentido que todas compartilham a esperança de prover uma visão mais precisa do mundo humano.

Sendo assim:

[...] a Geografia Humanística procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar. (TUAN, 1982, p. 143).

Portanto, a História, a Literatura, a Filosofia, a Geografia, a Psicologia, além das Artes, são as áreas por excelência do âmbito humanístico. Nas obras de arte, as experiências pessoais sobre a vida e sobre o mundo são vivamente corporificadas. A perspectiva humanística focaliza-se sobre as atividades e seus produtos que são distintivos das espécies humanas.

As abordagens científicas para o estudo do homem tendem a minimizar o papel da conscientização e do conhecimento humano. A Geografia Humanística, em contraste, tenta entender como as atividades e os fenômenos geográficos revelam a qualidade da conscientização humana. Porém, Tuan (1982) comenta que é necessário explorar cinco temas de interesse geral para os geógrafos: conhecimento geográfico, território e lugar, aglomeração humana e privacidade, modo de vida e economia, e religião.

Dando continuidade nesse pensamento, a contribuição da Geografia Humanística para a Ciência está na revelação de materiais dos quais o cientista, confinado em sua própria estrutura conceitual, pode não estar consciente. O material inclui a natureza e a gama da experiência e pensamentos humanos, a qualidade e a intensidade de uma emoção, a ambivalência e a ambiguidade dos valores e atitudes, a natureza e o poder do símbolo e as características dos eventos, das intenções e das aspirações humanas, conforme Tuan salienta:

Um dos papéis do geógrafo humanista é o de um agente intelectual; toma essas pepitas de experiência como capturadas na arte e decompõem-nas em temas mais simples que podem ser sistematicamente ordenadas. Uma vez que a experiência seja simplificada e dada uma estrutura explícita, seus componentes podem produzir uma explanação científica. (TUAN, 1982, p. 159).

Tuan (1982), procura esclarecer que um dos papéis do geógrafo humanista está no aproveitamento das experiências capturadas da Arte para que se produza uma explanação científica. Porém, ele vai muito mais além, quando faz uma série de questionamentos sobre a competência de um geógrafo humanista, como cita no trecho a seguir:

O que pode fazer um humanista? Falando de maneira geral, a competência de um humanista repousa na interpretação da experiência humana em sua ambiguidade, ambivalência e complexidade. Sua principal função como geógrafo é esclarecer o significado dos conceitos, dos símbolos, das aspirações, à medida que dizem respeito ao espaço e ao lugar. (TUAN, 1982, p. 162).

Portanto, quando Tuan (1982) diz que está na interpretação da experiência humana a competência de um humanista, na medida em que dizem respeito ao espaço e lugar, a cultura é que faz a mediação da reação das pessoas ao cenário físico. “De modo geral um humanista olha esse mundo de fatos e pergunta: o que ele significa? O que ele diz respeito a Nós?” (TUAN, 1982, p.162).

Nas leituras realizadas encontramos expressões como Geografia Humanista, Geografia Humanista-Cultural, Geografia Cultural-Humanista, Geografia Fenomenológica e outras expressões semelhantes referindo-se quase sempre à Geografia Humanística, expressão utilizada de forma pioneira por Amorim Filho, pioneiro no levantamento dessa bandeira.

Após a publicação da expressão “Geografia Humanística”, utilizada por Tuan em 1976, ocorreram repercussões não só nas geografias americanas e europeias, mas também na Geografia japonesa. Imazato (2007) publicou no *Japanese Journal of Human Geography* um balanço sobre a Geografia Humanística, como um dos desafios da Geografia Japonesa, reavaliando o surgimento de uma possível sub-disciplina da Geografia no Japão e nos países de língua inglesa.

Retomando o clássico trabalho de Tuan, de 1976, e dos geógrafos Buttner e Entrikin, que no mesmo ano utilizaram o termo Geografia Humanística nos seus artigos. Dois anos após, Ley e Samuels expandiram largamente essa abordagem, reavaliando a tradicional Geografia francesa e alemã, oferecendo

reflexões metodológicas sobre discussões filosóficas e considerações no campo epistemológico sobre a literatura humana e pesquisa de campo, no âmbito da Geografia. (IMAZATO, 2007, p.38).

Entretanto, Imazato (2007) percebe que após os anos de 1980, o termo “Geografia Humanística” não foi usado diretamente devido ao criticismo procedente do materialismo cultural, do feminismo e do pós-modernismo. Imazato relata que as perspectivas pós-estruturais que debatem políticas identitárias, análises psicológicas, por exemplo, constituem objetos denominados como Geografia “Pós-Humanística”. (Imazato cita por exemplo a obra de BENKO, G and STROHMAYER, U. **Human Geography: A History for the 21st Century**, Arnold, 2004, p.136.).

No Japão, desde os meados de 1980, a abordagem humanística tem aparecido nos textos, tais como construções sócio-políticas do “lugar” e “significado do lugar”, utilizados pelos geógrafos japoneses, estabelecendo uma Geografia Crítica no Japão.

Para Imazato, o desenvolvimento da Geografia Humanística japonesa foi revisado através dos escritos na língua inglesa por Takeushi (2000). Em língua japonesa, a penetração das perspectivas humanísticas nos estudos do meio ambiente natural e subsistência rural na Geografia Cultural, influenciada por geógrafos culturais, tanto alemães quanto americanos, foi revisado por Matsumoto (MATSUMOTO, H. *Environment and recognition*; In: Oshima, J., Ukita, T., and Sasaki, K. eds., **Bunka Chirigaku** (Cultural Geography), Kokon Shoin, 1989, p. 131-136) e Hisatake (HISATAKE, T. **Bunka Chirigaku no Keifu** . Genealogy of Cultural Geography, Chijin Shobô, 2000, p. 544-570). No entanto, Imazato (2007) reconhece que problemas permanecem na Geografia Humanística, tanto no Japão quanto em países de língua inglesa, na qual os principais conceitos e perspectivas têm sido muitas vezes mal compreendidos, sendo que um equívoco comum é que todos os estudos geográficos do espaço subjetivo são automaticamente considerados como Geografia Humanística.

No Japão, tem sido especialmente marcante os impactos da abordagem humanística de Tuan, Relph e Ley. Yamano (1989) e Takeuchi (2000) inicialmente introduziram a Geografia Humanística em *Osaka City* e *Hitotsubashi Universities*, respectivamente. Yamano (1989) acentuou os trabalhos de Tuan e

Relph, aprimorando conhecimentos sobre o assunto através das pesquisas de Guelke (1974), Wrigth (1947) e Lowental (1978).

Os desafios no âmbito da Geografia Humanística, que Imazato considera como essenciais, se situam não só no âmbito do conhecimento e utilização da Geografia Humanística ocidental, mas na necessidade e na importância da abertura de novos horizontes do mundo oriental com suporte da Geografia Humanística. Porém, procurando caminhos próprios e aperfeiçoando não só teórica e empiricamente, como também realizando profundos estudos com aplicação da Semiótica e repensando também a relação da Geografia com as aplicações etnocientíficas e psicoespaciais.

1.4 FENOMENOLOGIA

A filosofia subjacente a essa abordagem humanística é a *fenomenologia*. Essa perspectiva geográfica destaca os significados e valores que os seres humanos atribuem ao espaço, considerando o pesquisador inteiramente comprometido com o que analisa, fazendo parte da pesquisa, exercendo uma observação participante.

Desse modo, esta corrente de pensamento desafia cada indivíduo a examinar sua própria experiência, a tornar-se sujeito mais do que objeto de pesquisa. (LENCIONE, 1999).

Fenomenologia é um termo encontrado na filosofia, tanto de Kant como de Hegel, mas cujos significados contemporâneos são usualmente atribuídos à filosofia de Edmund Husserl (1859 – 1939), a qual Relph (1979), ao tratar das *Bases fenomenológicas da Geografia*, afirma que, embora Husserl seja considerado fundador da fenomenologia, o “movimento fenomenológico” é mais do que a fenomenologia de Husserl.

Relph (1979) prossegue nestas idéias dizendo que Husserl e outros seguidores de seu pensamento interessaram-se em desenvolver um método filosófico que orientaria os filósofos a “retornar às coisas mesmas”. Isto é,

[...] o método dirige-se para aquilo que possibilitaria isolar os aspectos essenciais dos objetos da consciência. Esta compreensão essencial da natureza dos objetos da consciência é obtida através do afastamento de todos os preconceitos que um indivíduo possa ter sobre a natureza dos objetos, tais como aqueles que provêm de um ponto de vista científico, naturalista ou do senso comum. (RELPH, 1979, p.6).

Assim, pela dúvida radical ou pelo isolamento dos mundos da ciência e do senso comum naturalista, podemos identificar e eliminar o preconceito que proíbe atingir a percepção essencial ou o conhecimento necessário do mundo. A obtenção da percepção essencial é a meta da fenomenologia enquanto “ciência das essências”. (RELPH, 1979).

Para Lencione (1999), em seu livro *Região e Geografia*, a influência da fenomenologia significou

[...] uma crítica persistente à Geografia concebida como uma ciência espacial voltada para a elaboração de técnicas de organização do espaço. Em resumo, uma contramão da Nova Geografia e do seu desdobramento no uso dos modelos matemáticos. (LENCIONE, 1999, p.153).

Essa crítica se desenvolveu, sobretudo, onde essa Geografia não era proeminente, como na Austrália e no Canadá. Apenas posteriormente, a Geografia de inspiração fenomenológica chegou aos Estados Unidos da América e à Grã-Bretanha, centros eminentes da Nova Geografia. (LENCIONE, 1999).

Em 1974, Tuan, com seu livro *Topophilia* e Relph, com *Place and Placelessness* (1976), apontam para aspectos bastante negligenciados na investigação geográfica ao incorporarem os aspectos estéticos e simbólicos, bem como os valores e as intenções na análise social do lugar.

A visão antropocêntrica do mundo, resgatada pela perspectiva fenomenológica, foi uma recuperação do humanismo que a Nova Geografia havia feito desaparecer com seus modelos teóricos.

Mais do que isso, de acordo com Lencione (1999), essa Geografia incorporou e salientou a dimensão dos valores sociais e culturais, bem como a valorização da história e do mundo vivido, a qual, com o resgate desse humanismo:

[...] significou um novo trilhar da geografia. O espaço, por causa da sua dimensão abstrata deixou de ser a referência central. A referência passou a ser o espaço vivido, aquele que é construído socialmente a partir da percepção das pessoas. Espaço vivido e, mais do que isso, interpretado pelos indivíduos. Igualmente, espaço vivido como revelador das práticas sociais. (LENCIONE, 1999, p. 153).

Portanto, o tema fundamental da Geografia Humanística refere-se ao espaço vivido. Toda essa preocupação com o espaço vivido colocou no centro da análise o lugar. Isso porque é o lugar, mais do que o espaço, que se relaciona à existência real e à experiência vivida. Sob a influência da fenomenologia, o lugar apresenta uma paisagem essencialmente sócio-cultural, que por ser repleto de significados transcende sua própria materialidade e a **geograficidade** expressa a espacialização da existência e do envolvimento inerente do indivíduo com a Terra.

Neste sentido, procuramos nos estender em um capítulo à parte sobre geograficidade, devido a sua importância aos estudos que compreendem a existência humana como essencialmente geográfica.

1.5 GEOGRAFICIDADE E LUGAR

A geograficidade é um termo relativamente recente integrado no vocabulário geográfico. Ao buscarmos as origens da palavra “geograficidade”, encontramos como o grande precursor o francês Eric Dardel (1899 – 1967) com sua obra clássica intitulada *“L’homme et la terre - nature de la réalité géographique”* (1952). Para ele, a ciência geográfica pressupõe que “o mundo seja compreendido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba ligado a Terra como um ser chamado a se realizar em sua condição terrestre”. (DARDEL, 1952, apud BESSE, 2006, p. 86).

Besse (2006), em seu livro *“Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia”*, elaborou um ensaio sobre esta obra de Dardel, procurando retratar a importância deste trabalho de grande originalidade, que encontrou um “eco epistemológico” no próprio domínio da Geografia, contribuindo para renovar, alargar e dar mais complexidade às análises geográficas do espaço. (BESSE, 2006, p.87).

Para Besse (2006), quando Dardel utiliza a noção de espaço geográfico, ele se afasta das intenções de geometrização da geografia, tendo como

ponto de vista a fenomenologia, que recusa a concepção do ser geográfico que faz dele justamente um objeto para um sujeito, onde:

Ser é participar, ser sobre a Terra é ser nela, e é esta presença comum da Terra com o homem e do homem com a Terra que constitui o motivo profundo de toda geografia. A geografia como saber deve levar em conta esta comunicação com o mundo, mais antiga que o pensamento, da qual fala a fenomenologia. (DARDEL, 1952, apud BESSE, p.90).

Nessa perspectiva, sujeito e objeto não são pensados em separado, estão imbricados em uma relação profunda, visceral e afetiva que o ser humano mantém com o seu ambiente. Para Dardel (1952, apud BESSE), é preciso insistir que a Geografia, entendida fenomenologicamente, é uma experiência da vida vivida pelo homem comum no encontro consigo mesmo. Esta Geografia não está à procura de significações ocultas por detrás dos fenômenos terrestres. “A geografia não nos ensina nada do mundo terrestre se nós não percebermos antes que ele é o meio do sentido.” (DARDEL, 1952, apud BESSE, p. 89).

Prosseguindo neste pensamento, o espaço geográfico é de início, um espaço concreto, praticado, vivido, percebido e interpretado pelos diversos sujeitos que os experienciam, onde a realidade geográfica é a dos mundos vividos da humanidade. Realidade esta que o geógrafo deve conceber para formular seu discurso.

Portanto, a realidade geográfica é da ordem do pré-reflexivo, ou seja, a realidade geográfica é da ordem da existência, onde segundo Dardel (1952, apud BESSE, 2006), a existência é por natureza extensão e consequentemente, a existência humana é, por natureza, geográfica.

Sendo assim, toda indagação radical do saber geográfico deve visar o encontro da existência humana com a Terra, pois conforme aponta Dardel (1952, apud BESSE, 2006), anterior a todo afastamento reflexivo, anterior a toda objetivação científica, a Geografia é antes de tudo, este encontro.

A Geografia, de acordo com Dardel (1952, apud Besse, 2006) [...] “não é então primitivamente uma ciência, ela é antes uma manifestação de uma realidade, que é a da existência humana que se desenvolve sobre a Terra.” A Geografia seria um reencontro do ser humano com o seu ambiente, uma experiência, em que não há humanidade sem Terra, e que o ser humano só se realiza como tal na relação com o elemento terrestre de sua condição.

Dardel (1952, apud BESSE, 2006, p.93), ao estabelecer que a liberdade humana se desenvolve sobre a Terra, e que tem uma razão e um sentido em ser terrena, tenta resumir ao evocar uma *geograficidade* originária do ser humano “[...] que é, para o espaço, o par daquilo que a noção de historicidade representa para a relação do homem com o tempo”, registrando a seguinte passagem:

Se o destino do homem é realizar-se historicamente, esta realização não pode se efetuar senão sobre a Terra. Historicidade e Geograficidade são solidárias na instituição de um mundo propriamente humano. (DARDEL, 1952, apud, BESSE, 2006, p.93).

Prosseguindo neste debate, ao tratar da relação de inerência do ser humano com a Terra pela perspectiva materialista, Moreira (2006) assinala que o espaço surge da relação de coabitação que o ser humano estabelece com a diversidade na natureza. Em seu livro *Para onde vai o pensamento geográfico?*: por uma epistemologia crítica, o autor estabelece que o mundo é formado pela diversidade e pela pluralidade (árvores, animais, nuvens, rochas, homens) e na medida em que “[...] experimentamos esta pluralidade no seu convívio mais íntimo, vêm-nos a noção de que junto com a diversidade há a unidade.” (MOREIRA, 2006, p.167).

O espaço, segundo MOREIRA (2006, p. 168) “[...] é a resposta da Geografia à pergunta da unidade e da diversidade. De modo que a coabitação que une a diversidade diante dos nossos olhos é a origem e a qualificação do espaço.”

Esta relação de coabitação também pode ser chamada de ambientalidade, em que o homem materializa como ambiência, dado seu forte sentido de pertencimento, onde “[...] este ato de pertença, identifica-se no enraizamento cultural que surge da identidade com o meio, via o enraizamento territorial que tudo isto implica” (MOREIRA, 2006, p.169).

Moreira (2006), afirma que é por meio do trabalho que se inicia a ambientalização, ou seja, é pelo metabolismo do trabalho que a coabitação se estabelece, onde para o autor:

A ambientalização é antes de tudo uma práxis. Nenhum homem se enraíza cultural e territorialmente no mundo pela pura contemplação. A experimentação da diversidade é que faz o homem sentir-se no mundo e sentir o mundo como mundo-do-homem (MOREIRA, 2006, p.169).

Portanto, a geograficidade, seria a fusão do homem e o mundo num mundo – do – homem. Fusão esta que só se realiza pelo metabolismo do trabalho. A partir deste metabolismo “[...] que o mundo aparece como construção do homem e o

espaço se clarifica como um campo simbólico com toda a sua riqueza de significados”. (LEFEBVRE, 1983, apud MOREIRA, 2006, p. 169).

Desta forma, a geograficidade é fundamentalmente a condição espacial de nossa existência, ou seja, a existência humana é essencialmente geográfica, onde a manifestação dessa existência se revela na paisagem por meio de nossa experiência telúrica, numa relação de envolvimento contínuo e inalienável com as mais diversas escalas de nossa própria espacialidade. (PEREIRA, 2011).

Dardel, afirma que habitar a Terra não é aninhar-se num lugar, mas “[...] habitar um espaço que se abre entre um aqui e um ali, é percorrer este espaço em todos os sentidos.” (Dardel, 1952, apud BESSE, 2006, p. 93).

A Geografia ou a paisagem “[...] não são nada mais do que o mundo das mediações, ou seja, a cultura, no interior das quais a existência humana adquire um sentido concreto.” (DARDEL, 1952, apud BESSE, 2006, p.94).

Neste sentido, o lugar torna-se a extensão da existência humana e o objetivo do conhecimento geográfico. A Geografia, ao entender o lugar como um fenômeno vivenciado e experienciado pelos homens, encontrou na própria experiência vivida por eles a principal fonte de interpretação da realidade, onde a geograficidade expressa a espacialização dessa existência e a “comunicação” do indivíduo com a Terra justamente por meio de suas experiências.

Conforme Tuan (1983), em seu livro *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*, espaço e lugar são termos familiares que indicam experiências comuns. Na introdução de seu livro, Tuan salienta:

Vivemos no espaço. Não há lugar para outro edifício no lote. As Grandes Planícies dão à sensação de espaciosidade. O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria. Os geógrafos estudam os lugares. Os planejadores gostam de evocar “um segundo sentido de lugar”. Estas são expressões comuns. Tempo e lugar são componentes básicos de um mundo vivo, nós os admitimos como certos. Quando, no entanto, pensamos sobre eles, podem assumir significados inesperados e levantam questões que não ocorreria indagar. (TUAN, 1983, p.3).

Observa-se nesta passagem que Tuan traça uma qualificação entre espaço e lugar, entendendo que o espaço se transforma em lugar na medida em que os homens atribuem significados e valores por meio de suas experiências. O lugar é um componente básico de um mundo vivo assim como o tempo. Percebe-se

que ele não dissocia o aspecto espacial do aspecto temporal na perspectiva da experiência e da ligação do indivíduo com o seu meio, ao comentar sobre a “velha casa”, o “velho bairro”, a “velha cidade”, estas são expressões componentes do lugar, ao mesmo tempo em que denota uma ideia de tempo.

Partindo dessa ideia, Tuan (1983) acredita que a experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Ao tratar da *perspectiva experiencial* presente no segundo capítulo de seu livro, comenta que essas diferentes maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até percepção visual ativa e maneira indireta de simbolização, onde “[...] as emoções dão colorido a toda experiência humana, incluindo os níveis mais altos do pensamento.” (TUAN, 1983, p.9).

Para Tuan (1983), os órgãos sensoriais e experienciais que permitem aos seres humanos ter sentimentos intensos pelo espaço e pelas qualidades espaciais são a cinestesia, visão e tato, onde:

[...] o próprio som pode evocar impressões espaciais. Os estrondos do trovão são volumosos; o estríduo do giz no quadro negro é “comprimido” e fino. Os tons musicais baixos são volumosos, enquanto os agudos parecem finos e penetrantes. Os musicólogos falam de “espaço musical”. (TUAN, 1983, p.17).

Porém, deixa claro que a dependência visual do ser humano para organizar o espaço é imprescindível, a qual os outros sentidos ampliam e enriquecem o espaço visual, com aumento de nossa consciência; incluindo áreas que estão atrás de nossa cabeça e que não podem ser vistas.

Mais adiante, no capítulo intitulado *Experiências Íntimas com Lugar*, da mesma obra, Tuan realça que o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado. Ele retrata as experiências íntimas como difíceis de expressar, que “[...] jazem enterradas no mais profundo do nosso ser, de modo que não apenas carecemos de palavras para dar-lhes forma, mas frequentemente não estamos sequer conscientes delas.” (TUAN, 1983, p. 151). Observa-se nesta passagem que as experiências pessoais possuem uma natureza muito particular para cada ser, como uma forma quase abstrata, sem estatutos ou tratados que possam definí-la ou expressá-la. Mas ela faz parte da experiência de vida, cujos

significados são distintos para cada pessoa. Portanto, qualquer lugar desde que faça parte da experiência de vida fará parte inexoravelmente do tempo e do espaço.

Para Tuan (1983), além dessas experiências íntimas, existem os *lugares íntimos*, que são lugares onde encontramos “*afeto*”, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato, seria uma “pausa no movimento”, onde a pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor, conforme diz:

Os lugares íntimos são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato. Como são estes lugares? São transitórios e pessoais. Podem ficar gravados no mais profundo da memória e, cada vez que são lembrados, produzem intensa satisfação, mas não são guardados como instantâneos no álbum da família nem percebidos como símbolos comuns: lareira, cadeira, cama, sala de estar, que permitem explicações detalhadas. Não se podem desenhar nem planejar deliberadamente, com a mínima garantia de êxito, as ocasiões de troca genuína de intimidade. (TUAN, 1983, p.156).

Estes lugares íntimos são os “espaços ambientalizados”, onde a afeição duradoura pelo lar é em parte o resultado de experiências íntimas e aconchegantes, cuja permanência é um elemento importante na idéia de lugar.

Os acontecimentos simples podem com o tempo se transformar em um sentimento profundo pelo lugar, pois parecem ir muito mais além de sua estética conforme segue:

Galinhas, ovos e tomates são objetos comuns na fazenda. Existem para serem comidos ou vendidos; não são objetos estéticos. No entanto, parecem às vezes possuir a essência de uma beleza total, e podem consolar. [...] A casa como lugar está cheia de objetos comuns. Nós os conhecemos através do uso; não lhe prestamos atenção como fazemos com as obras de arte. Eles são quase como parte de nós mesmos, estão muito próximos para serem vistos. (TUAN, 1983, p. 159).

Podemos observar que a cultura, na maior parte das vezes, dita o foco e a amplitude de nosso conhecimento. Cada cultura possui seus próprios símbolos de intimidade, amplamente reconhecido pelas pessoas, e certamente nas coisas menores e mais familiares estão os significados do real, que envolve todo nosso ser, todos nossos sentidos. Tuan assinala na citação abaixo a relação entre o ambiente e as informações em um determinado lugar, quando relata que:

As intimidades efêmeras através da experiência direta e a verdadeira qualidade de um lugar comumente passam despercebidas porque a cabeça está cheia de ideias desgastadas. As informações dos sentidos são afastadas para favorecer o que nos foi ensinado ver e admirar. (TUAN, 1983, p. 162).

Na tentativa de não negligenciar estas qualidades do lugar que passam “despercebidas”, compreendemos a ciência geográfica como uma ciência holística, capaz de compreender que estes aspectos íntimos abrangem parte da totalidade do fenômeno geográfico a ser estudado e que portanto se torna passível de análise.

Encerrando este tópico sobre a geograficidade e lugar, pode-se assinalar que o ser humano é essencialmente um ser geográfico. Os pesquisadores acima referenciados estão na realidade reafirmando o vínculo indissociável entre o indivíduo e o seu espaço-ambiente, o lugar, a experiência de vida e de tempo no lugar, ou seja, o espaço qualificado é que determina o lugar, representado pela trajetória de vida e experiência com o espaço e o tempo.

Portanto, a memória é uma categoria fundamental no sentido de resgatar os significados, valores e ideias atribuídos aos espaços, possibilitando tanto a constituição quanto à continuidade das identidades socioculturais e as suas respectivas percepções e intervenções sobre os lugares e as paisagens.

1.6 MEMÓRIA

No desenvolvimento deste trabalho percebemos a importância da memória, enquanto categoria de análise geográfica, para uma melhor compreensão não só dos sentimentos e valores dos sujeitos sobre determinado lugar, mas, como também, suas trajetórias e experiências de vida sobre o espaço-ambiente.

Através da coletânea intitulada *Espaços da Memória: Fronteiras*, organizada por Marcos Antônio Lopes no ano de 2000, encontramos algumas reflexões teóricas a respeito da memória. No primeiro capítulo desta coletânea, chamado de *Memórias e Mito político: reflexões teóricas*, de Schimdt (2000), observamos um debate em torno dos conceitos que a memória compreende, passando assim por diferentes autores que contribuíram para suas reflexões, e consequentemente, para o nosso trabalho.

Para Halbwachs (1990, apud SCHIMDT, 2000), a memória deveria ser analisada como um fenômeno social, construída coletivamente e passível de constantes transformações, o que contraria as hipóteses de que a memória apresenta-se como fenômeno puramente individual.

Assim, Schimdt (2000) considera a memória como um fenômeno social que ultrapassa questões pessoais, concentrando as relações rotineiras dos indivíduos e apresentando significados para as ações correspondentes ao tempo presente, mas também tendo efetiva relação com as raízes do passado.

O autor compreende a memória coletiva como

[...] um elemento fundamental para a vivência social por realizar reinvenções do passado através dos quais fornece fundamentos para que os homens interpretem e vivenciem o presente, visualizando a partir de então a constituição de projetos que preservem ou modifiquem o futuro. (HALBAWACHS, 1990, apud SCHIMDT, 2000, p.10).

Desta maneira, a memória diz respeito também a uma reconstrução social que, segundo Pollack (1992, apud SHIMIDT, 2000), constitui sentimentos de continuidade ao formar identidades durante seu transcorrer histórico. Nas palavras de Pollack,

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLACK, 1992, apud SCHIMDT, 2000, p.12).

Sendo assim, a memória, além de ser um elemento constituinte do sentimento de identidade e por possuir extrema importância para o sentimento de continuidade e coerência de um indivíduo ou de um grupo social, acaba por constituir identidades sociais que constantemente sofrem mutações, caracterizando os homens como sujeitos socialmente construídos.

Neste sentido, Guarinello (1993, apud SCHIMDT, 2000 p.14), enfatiza que “[...] a memória é uma reflexão sobre essa mudança, como dimensão inerente do tempo das sociedades humanas.”

A memória traz em si a possibilidade de vermos o presente, não como uma realidade fixa e imutável, como algo eterno, mas como produto humano, como um momento de paisagem, uma ponte através do qual o passado constrói o futuro. E é para o futuro que se volta, assim, essa memória ativa, afirmando o poder

e a força da ação humana sobre sua própria história. (GUARINELLO, 1993, apud SCHIMIDT, 2000).

Sendo assim, falar sobre os lugares da memória pressupõe considerar suas especificidades, pois estes se apresentam como locais selecionados por instituições ou grupos sociais que podem utilizá-los como um mecanismo de ação que configura novas lembranças, a qual sua reconstituição é perceptível no reflexo dos valores próprios das relações socioculturais expressas em seu espaço. (SCHIMIDT, 2000).

Posicionando-se neste debate, Ecléa Bosi (1979, apud SCHIMIDT, 2000) relata que:

[...] uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição. (BOSI, 1979, apud SCHIMIDT, 2000, p.15).

Assim, a lembrança é uma imagem construída pela situação do presente, ou seja, é um conjunto de representações que se estabelecem em nossa consciência atual. Nesta perspectiva, o "lembrar" apresenta-se como um trabalho de reconstrução das experiências do passado com imagens e ideias de nossos dias.

Nas palavras de Bosi (1979, apud SCHIMIDT, 2000, p.11), "[...] a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão, enfim com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo". A autora, sob uma perspectiva da psicologia social, observa que qualquer alteração do ambiente atinge a qualidade íntima da memória, atrelando a memória de uma pessoa à memória do grupo, pois ambas não dissociam por estarem imbricadas pela situação social a qual as pessoas estão expostas, estabelecendo um constante diálogo entre indivíduo e grupo.

Neste sentido, Bosi (1979, apud SHIMIDT, 2000), apresenta dois argumentos que enfatizam a relação existente entre memória e linguagem, evidenciando que a memória coletiva interfere inclusive no sonho, considerado enquanto criação aparentemente individual. Segundo a autora, o instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem.

Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual. Os dados coletivos que a língua sempre traz em si entram até mesmo no sonho (situação-limite da *pureza individual*). De resto as imagens do sonho não são, embora pareçam, criações puramente individuais. São representações, ou símbolos, sugeridos pelas situações vividas em grupo pelo sonhador: cuidados, desejos e tensões. (BOSI, 1979, apud SCHIMDT, 2000. p. 12).

Sendo assim, a relação entre linguagem e memória acarreta a formação de discursos carregados de imagens vivenciadas pelo grupo, oferecendo condições de compreender os processos e as consequências oriundas das relações espaciais. O envolvimento do ser humano com o ambiente resulta em lugares culturalmente construídos. Nesta perspectiva, a Literatura é uma linguagem que faz parte da cultura de uma sociedade tanto quanto seus rituais ou sua organização familiar.

Contudo, antes de trabalharmos com a identificação entre os saberes da Geografia e da Literatura, desenvolvemos um sub-tópico sobre “*Espaço-Vivo*”, buscando contribuir com o campo teórico da ciência geográfica e de auxiliar no desenvolvimento e na ampliação de leituras e discussões geográficas deste trabalho.

1.7 O ESPAÇO-VIVO

Apresentamos, a seguir, um dos trabalhos mais significativos, já realizado no Brasil, sobre os desdobramentos relacionados ao conceito *l'espace vécu*, de Frémont (1980). Para a construção do referencial teórico-conceitual, Ribeiro (2006), apoiou-se nas diretrizes do paradigma emergente da Ciência Pós-Moderna e da Geografia Humanística, ambas voltadas para a re-introdução da pessoa como centro do conhecimento e da investigação espacial. Para esse trabalho, que é fruto de uma tese de doutorado, defendida na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em 2006, sob a orientação do professor Amorim Filho, tomou-se como sujeitos-pretexto os músicos e como contexto-pretexto a cidade de Diamantina em Minas Gerais.

Partindo-se da realidade científica, cujo paradigma dominante da modernidade fez a distinção entre o sujeito e o objeto, tornando-os estanques e

incomunicáveis, vários filósofos, pesquisadores e estudiosos nos diversos campos da Ciência vem trabalhando e difundindo os conhecimentos sobre este assunto.

Citamos particularmente os trabalhos de Morin (2000), Moles (1995), Levinas (1980), Bourdieu (2007), Benjamim (1985), e conforme esses estudos, além da natureza ser considerada autônoma sem inter-relação com a sociedade, e conforme Ribeiro (2006, p.22) “[...] distinta do ser humano, era passiva, eterna, reversível, um mecanismo cujos elementos se podiam desmontar e depois se relacionar sob forma de leis. Buscava-se mais controlá-la e dominá-la do que compreendê-la”.

Portanto, a separação entre o sujeito e o objeto determinou uma separação que se tornou um fosso nos estudos e nas concepções da totalidade no ambiente e suas relações com a natureza.

Conhecer significava dividir e classificar. Assim, o objeto de pesquisa foi separado do meio em que estava inserido para poder ser observado. Esse isolamento privilegiou o conhecimento dos elementos em detrimento dos conjuntos, das relações e interações, só possíveis de acontecer no contexto. (RIBEIRO, 2006, p.22).

As considerações acima fragilizaram os pilares científicos, principalmente pela descoberta e difusão de teoria da

[...] relatividade de Einstein, pela mecânica quântica com princípio de incerteza de Heisenberg (ao constatar a interferência do observador no objeto que pesquisava), pelas investigações de Godel e pelos progressos alcançados na microfísica da química e da biologia, principalmente por meio dos estudos do físico-químico Ilya Prigogine. Este cientista mostrou que, longe do equilíbrio, as partículas inauguram novos estados, tomando direções imprevisíveis e irreversíveis. (RIBEIRO, 2006, p. 23).

Prosseguindo no processo das mudanças paradigmáticas ainda em curso, pode-se afirmar, corroborando Ribeiro (2006), que pequenas variações, antes desprezadas pelo método mecânico, devido à dificuldade de serem medidas com precisão, passaram a inaugurar novos estudos. Desta forma, surgem o possível e o provável no tempo mecânico, periódico ou determinado, tornando-se muito complexo o número de variáveis do sistema. O homem então, de “[...] mero espectador da natureza, passou também a influenciar como protagonista na observação da realidade.” (RIBEIRO, 2006, p.24).

Desta forma, um conhecimento objetivo e rigoroso, como o pretendido pelo paradigma dominante, não podia tolerar a interferência de particularidades humanas e, por isso, estabeleceu dicotomias aparentemente lineares que mascaravam suas contradições, como sujeito/objeto, natureza/cultura, vivo/inanimado, espírito/matéria, observador/observado, subjetivo/objetivo. A escolha do objeto partia de condições selecionadas pelo próprio pesquisador, ou seja, de seu juízo de valor, visando o desenrolar eficiente e simplificado das rotinas de investigação. (RIBEIRO, 2006).

Portanto, segundo Ribeiro (2006)

[...] as trajetórias, valores e crenças do pesquisador, dos quais podia ou não ter consciência, corriam subterrânea e clandestinamente nos pressupostos não ditos de seus discursos científicos, na seleção do objeto e nos modos que escolhia para investigá-lo. (RIBEIRO, 2006, p.24.).

Vários estudiosos do mundo contemporâneo como Boaventura de Souza Santos (2001), Fritjof Capra (2000), Edgar Morin (2000), Ilya Prigogine (1996), e muitos outros pensadores relatam o surgimento de um novo paradigma emergente, principalmente pelas reflexões epistemológicas sobre o conhecimento científico em vários campos do saber.

Várias são as explicações apresentadas pelos cientistas não só das áreas físico-naturais como da área de humanidades. Uma das mais expressivas e profundas reflexões sobre a necessidade das mudanças paradigmáticas é apresentada por Morin (1982, 1983, 1991, 2000) em suas obras e em várias conferências, sobre a noção de complexidade.

A complexidade indica que tudo se liga a tudo e, reciprocamente, numa rede relacional e interdependente. Nada está isolado no Cosmos, mas sempre em relação a algo. Ao mesmo tempo em que o indivíduo é autônomo, é dependente, numa circularidade que o singulariza e distingue simultaneamente. Como o termo latino indica: “*Complexus – o que é tecido junto*” (MORIN, 1997, apud PETRAGLIA 2010, p.3).

Petraglia (2010), aprofundando os seus estudos sobre a teoria da complexidade de Morin, observa que:

Uma epistemologia da complexidade incorpora não só aspectos e categorias da ciência, da filosofia e das artes, como também os diversos tipos de pensamento, sejam eles míticos, mágicos, empíricos, racionais, lógicos, numa rede relacional que faz emergir o sujeito no diálogo constante com o objeto do conhecimento. Considera a comunicação entre as diversas áreas do saber e compreende ordem, desordem e organização como fases importantes e necessárias de um processo que culmina no auto-eco-organização de todos os sistemas vivos. (PETRAGLIA, 2010, p.4).

Morin (2000), um estudioso da educação assinala a importância da transdisciplinaridade no processo de construção do conhecimento, observando a importância das artes como fontes inesgotáveis de educação e cultura.

As artes levam-nos à dimensão estética da existência e – conforme o adágio que diz que a natureza imita a obra de arte – elas nos ensinam a ver o mundo esteticamente. Trata-se, enfim, de demonstrar que, em toda grande obra, de literatura, de cinema, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana. (MORIN, 2000, apud PETRAGLIA, 2010, p.4).

Reforçando os pensamentos de Morin sobre a dimensão da Arte, Petraglia (2010) assinala que as artes despertam sensibilidade e afetividade, e essa subjetividade não só aprimorará o desempenho crítico e reflexivo, como também atuará na ampliação de capacidade criativa e lógica da pessoa.

Outra função educativa da Arte é a utilização de seus conteúdos – o conteúdo objetivo – a letra de uma música ou uma poesia, por exemplo, e o conteúdo subjetivo – intuição, prazer, sonho, fantasia, alegria – apreendidos na observação atenta e despretensiosa de uma escultura ou de uma pintura, observa Petraglia (2010).

Discorrendo sobre as várias dimensões da Arte, referida por Morin, deve ser destacado o cinema, que na opinião de Petraglia, é outra fonte inesgotável de educação e cultura. Reúne diversos recursos para a aprendizagem – conteúdos objetivos e subjetivos. Muitas vezes é possível aprender mais sobre a condição humana assistindo a um bom filme do que lendo uma apostila. Assim, é mais fácil se entender o que é esquizofrenia assistindo ao filme *“Uma mente brilhante”* (*A beautiful mind*), de Ron Howard – Oscar de Melhor filme, 2001 - do que debruçado sobre um compêndio de psicopatologia. O que não significa que se deve parar por aí. O aluno deve ser desafiado ao aprofundamento de questões gerais e específicas

com a complementação de estudo e dedicação à teoria, mas, depois do filme, é provável que esteja mais estimulado, conforme observou Petraglia (2010).

Petraglia (2010) finaliza os seus pensamentos sobre a importância das artes na educação e na formação do indivíduo relatando que a escola não pode desconsiderar que o *homo sapiens* é também *ludens, faber e demens*. Ele precisa brincar, aprimorar seu poder criador, seu senso estético e crítico, sua capacidade de introspecção e sua sensibilidade. Só assim pode mais e melhor desenvolver sua auto-ética para a construção de um planeta mais justo, igualitário e solidário para si mesmo e para os outros. (PETRAGLIA, 2010, p.6).

Complementando e corroborando os pensamentos de Morin, Ribeiro (2006) assim se expressa:

Complexus corresponde tudo aquilo que é tecido simultaneamente, a realidade física, o ser humano, a natureza, a sociedade. Portanto, o paradigma emergente que se anuncia tende a ser não dualista, baseado na superação das dicotomias clássicas. Empenha-se em estabelecer conexões e tecer junto instâncias antagônicas até então separadas, substituindo visões fechadas de “isto ou aquilo” por visões abertas de “isto e aquilo”. Busca restituir o diálogo entre o sujeito e o objeto, entre o homem e a natureza e entre o pesquisador e a sua investigação. (RIBEIRO, 2006, p. 25).

Prosseguindo e aprofundando noções de *sensu communis*, “senso comum”, e apoiando-se em Arendt (1995), Ribeiro (2006), explica que, no *sensu communis*

[...] inclui-se a idéia de um sentido comum a todos, isto é, de uma faculdade do juízo que, em sua reflexão, leva em conta (*a priori*) o modo de representação de todos os outros homens em pensamento, para, de certo modo, comparar seu juízo com a razão coletiva da humanidade. Isso se faz comparando-se nosso juízo com o juízo possível dos outros, e não com o real, e colocando-nos no lugar de qualquer outro homem. (RIBEIRO, 2006, p. 26).

Portanto, o momento de transição paradigmática exige “[...] reformular e ampliar a nossa estrutura de pensamento, pois herdeira do modelo mecanicista e simplificador, o maior obstáculo à complexidade, na maioria das vezes, reside dentro do próprio pesquisador.” (RIBEIRO, 2006, p.27).

O espaço-vivo não se configura como uma entidade ancorada em determinado lugar, explicita Ribeiro (2006). Na sua concepção, trata-se de uma qualidade mutável conforme as circunstâncias. “Projeta-se numa paisagem, morfologia ou lugar, cujos acontecimentos ou atividades que ali ocorrem favorecem

a aproximação das pessoas, promovendo o diálogo e o encontro entre elas.” (RIBEIRO, 2006, p. 29).

Dessa forma, Ribeiro (2006), defendendo o conceito do espaço-vivo, relata que não basta entender apenas seus aspectos funcionais, geométricos ou econômicos, sendo que é necessário agregar aos espaços outros aspectos, não tão palpáveis e visíveis, que correspondem às emoções, sentimentos e significados balizados pelas nossas experiências em relação a eles. Por conseguinte, assinala que “[...] o espaço ‘materializa’ também, e principalmente, algo imponderável, e é justamente esse aspecto que a noção de espaço-vivo busca realçar.” (RIBEIRO, 2006, p. 29).

Dando continuidade ao seu pensamento, a autora observa que, além de “funcionar”, determinado espaço também representa e tem conotações. Citando o geógrafo Frémont (1980), o espaço é aquilo que representa e assemelha-se a uma linguagem.

Neste sentido, a Literatura é uma linguagem cultural que se utiliza do discurso simbólico e que expressa a manifestação da existência e da consciência humana, carregando em suas letras, valores, pensamentos, ações que testemunham com profundidade o tempo e a vida dos homens, os lugares e as paisagens da Terra, assim como as mais variadas histórias e sentimentos dos indivíduos, contribuindo assim para um melhor entendimento do mundo e da condição humana.

2 GEOGRAFIA E LITERATURA

Entender a linguagem da Terra, pela experiência da geograficidade, reforça a qualidade perceptiva e da sua relação poética e estética do homem e da sociedade com a vida. (PEREIRA, 2011).

Muitos geógrafos têm procurado a Literatura para ampliar as leituras e os diálogos sobre o fazer geográfico e sobre a melhor compreensão do homem sobre o seu espaço habitado. A Literatura é uma linguagem capaz de abarcar sentimentos, desejos, sonhos, medos que envolvem a própria condição humana sobre a Terra, revelando nas infinitas paisagens as mais variadas experimentações e tramas sociais.

Brousseau (1996), em seu trabalho intitulado *Geografia e Literatura*, procura resgatar a trajetória dos estudos geográficos utilizando-se de textos literários, assim como encaminhar os geógrafos em direção a uma fértil via de interpretação de romances, poemas, crônicas e ensaios na perspectiva geográfica.

Logo no primeiro capítulo, comenta que:

O interesse dos geógrafos pela Literatura não é novo. Todavia ele se manteve muito marginal e os trabalhos foram bastante escassos até o início dos anos de 1970, quando a Geografia Humanística anglo-saxã multiplicou os apelos em favor da utilização das fontes literárias. (BROUSSEAU, 1996, p. 17).

Segundo Brousseau (1996, p.17), as primeiras manifestações no sentido de utilizar as fontes literárias “[...] remontariam, segundo Liod e Salter (1977), a 1910, quando o inglês H. R. Mill, em seu manual de livros de Geografia, recomendou a leitura de ‘romances geográficos’. (Mill, 1910; Pocock, 1988).” Porém, alguns anos antes “[...] Hebertson (1902) e Keating (1902), já sugeriram que os geógrafos, na análise dos lugares, se voltassem para a poesia e para a literatura de ficção.” No entanto, “[...] foi somente em meados dos anos de 1920 que Wright (1924 e 1926) estabeleceu mais claramente a pertinência dessas fontes para a geografia.” (BROUSSEAU, 1996, p. 18).

Até os anos de 1970, Backer (1931), Darby (1948), Gilbert (1960) e Paterson (1965), debatiam a utilização eventual do romance como complemento das análises regionais. Porém, os testemunhos literários não eram considerados suscetíveis de constituir bases sólidas para uma geografia científica rigorosa. (BROUSSEAU, 1996).

No início dos anos 1970, cresceu o interesse pela temática da Literatura, principalmente entre os anglo-saxônicos e os geógrafos franceses (fundamentados na noção de espaço vivido). Nessa perspectiva, Brousseau (1996, p. 19), explica que “[...] emergia a geografia humanista paralelamente a uma corrente crítica de inspiração marxista, em reação contra a ‘nova’ geografia quantitativa, dominante há uma dezena de anos.” Essa Geografia Humanística procurava resgatar e colocar o sujeito no centro de seus trabalhos, na qual inúmeros geógrafos,

[...] evocando de maneira mais ou menos direta a fenomenologia, promoveriam a utilização da literatura. Esta podia servir de fonte preciosa, capaz de avaliar a originalidade e a personalidade dos lugares (*sense of place*) e fornecer exemplos eloquentes de apreciação pessoal das paisagens. (BROUSSEAU, 1996, p. 19).

Neste sentido, seus trabalhos obstinaram-se em valorizar aquilo que estabelecia a originalidade e a personalidade dos lugares, por meio de expressões mais subjetivas da experiência destes espaços.

Contudo, de acordo com Almeida (2010) em seu artigo *Os cantos e Encantamentos de uma Geografia Sertaneja de Patativa de Assaré*, alguns geógrafos humanistas fazem leituras fenomenológicas e outros já adotam abordagens hermenêuticas. Para ela, os geógrafos humanísticos que utilizaram a abordagem fenomenológica valorizavam os textos literários em decorrência da “[...] qualidade dos testemunhos sobre a experiência concreta dos lugares, por meio da transcrição da experiência perceptiva e do vivido dos lugares pelo sujeito e ao valor atribuído aos lugares.” (ALMEIDA, 2010, p.144). Ou seja, o sujeito, por meio de sua experiência concreta, investe os lugares de sentido, onde esses estudos visavam remeter o sujeito, seus valores e sua carga biográfica ao centro da disciplina geográfica, conforme elucida Almeida (2010).

Já o lugar, na abordagem hermenêutica:

Ele é talvez, alguma coisa a ser decifrada e decodificada. Por essa abordagem, a interpretação é considerada uma prática ativa. Assim o sentido de lugar não é fruto da experiência, mas sim o resultado da interpretação. No processo de interpretação, o autor adquire um status diferente, pois ele e sua vida são meios de decodificar a sua obra. (ALMEIDA, 2010, p.144-145).

Entretanto, ao fazer essa distinção das abordagens, Almeida (2010, p. 145) revela que entre os geógrafos humanistas, a “[...] individualidade do autor,

torna-o soberano no seu papel de revelador ou de intérprete do sentido dos lugares e dos meios sociais onde ele viver.” Sendo assim, a linguagem literária é uma expressão particular que comunica aspectos da realidade ou fatos e tempos da experiência humana, revelando a visão e o posicionamento do escritor frente ao mundo. (ALMEIDA, 2010).

No livro *Geografia e Literatura: ensaios sobre a geograficidade, poética e imaginação* (2010), encontramos muitos trabalhos e autores reunidos pelo desejo de explorar o mundo da Literatura pelos olhos da Geografia. No prefácio deste livro, nos deparamos com um artigo intitulado *Geograficidade, Poética e Imagem*, onde os autores comentam que importantes geógrafos têm levantado o valor da Literatura para conhecer e compreender regiões, paisagens ou lugares. “Assim o fizeram Jonh K. Wright (1924), Pierre Monbeig (1940), Fernando Segismundo (1949) e Yi-Fu Tuan (1974), para citar apenas alguns.” (MARANDOLA JR.; OLIVEIRA, 2010, p. 8).

Neste artigo somos conduzidos a uma confluência de relações entre Geografia e Literatura, demonstrando que Ciência e Arte encontram-se menos distantes do que aparentam. Para os citados autores, esta nova aproximação quer muito mais do que identificar elementos “reais” na descrição das paisagens e dos lugares, ela quer:

[...] estabelecer um entrelaçamento de saberes que se tecem também pelos fios de entendimento da espacialidade e da geograficidade, enquanto elementos indissociáveis de qualquer narrativa ou manifestação cultural. (MARANDOLA JR.; OLIVEIRA, 2010, p. 9).

Seguindo este pensamento, se a espacialidade e a geograficidade são elementos inerentes à nossa existência, a Literatura, enquanto manifestação cultural produz um conhecimento criativo, que embora seja diferente do conhecimento objetivo da ciência, expressa como pensamos, agimos e sentimos o mundo, revelando nossa condição humana, nossa existência.

Desta forma, a Geografia, enquanto ciência moderna, sistematizada e institucionalizada segundo seus preceitos, teve suas raízes firmadas há milhares de anos na experiência humana do espaço, numa geograficidade que rompe quaisquer barreiras estabelecidas artificialmente, conforme salientam os autores:

Se um núcleo duro de sua ciência busca no discurso metódico e no rigor acadêmico sua legitimidade, há uma ampla fronteira interdisciplinar em que os limites são nebulosos e as regras do jogo são mais flexíveis. Nessa ampla área difusa, as fronteiras dos conhecimentos se confundem numa promiscuidade fecunda. Ali se encontram Geografia e Literatura, buscando assunto para conversar. (MARANDOLA JR.; OLIVEIRA, 2010, p. 11).

Portanto, tanto a Literatura quanto a Geografia apresentam múltiplos enfoques e estilos. Nesta perspectiva, a Poesia é um dos ramos da Literatura que apresenta em sua linguagem uma expressão atenta e sensível do mundo, capaz de resgatar nossa atenção para a nossa verdadeira realidade, nosso cotidiano e seus objetos comuns, que quase sempre negligenciamos por serem tão próximos, conforme comenta Tuan (1983), esses objetos comuns “[...] são quase como parte de nós mesmos, estão muito próximos para serem vistos.” (TUAN, 1983, p. 159).

2.1 GEOGRAFIA E POESIA

Neste trabalho aproximamos e complementamos as leituras entre Geografia e Poesia, visando neste diálogo ampliar as possibilidades de interpretação de uma mesma realidade vivenciada pelos diversos sujeitos que compõem e que se relacionam em um determinado espaço geográfico.

Paixão (1983) ressalta que embora a realidade e a linguagem sejam duas coisas bastante distintas, elas se interpenetram. O poeta tenta realizar na sua poesia uma nova realidade construída de palavras, que além de estimular o voo da imaginação, permite conhecer de modo mais atento e cuidadoso a própria realidade vivida pelo ser humano.

Dentre as maneiras de se abordar a linguagem poética, Paixão exalta a necessidade de se:

[...] tentar entender como a expressão poética transmite essa experiência. Longe de comunicar uma informação didática ou doutrinária, a poesia está sempre revelando uma percepção subjetiva da realidade. E nem por isso o poeta tem uma atitude passiva diante do mundo. Pelo contrário: usando a palavra como arma, ele procura passar uma visão diferente sobre aquilo que nos cerca. (PAIXÃO, 1983, p.8).

Para o poeta, portanto, não importa a veracidade ou a verdade dos fatos e sim que esteja escrevendo aquilo que sente, em palavras que transmitam a sua visão de mundo, seja ela qual for, e mostrando seu combate com a vida.

O *sentimento*, para Paixão, é a principal matéria-prima para um poeta, onde:

[...] ele procura arranjar as palavras no poema do modo como seu sentimento exige, a fim de transmitir toda sua experiência. Ao contrário da linguagem de uso prático, onde as palavras são empregadas a partir do significado comum a todas as pessoas, a característica marcante da poesia é a de recriar o significado das palavras, colocando-as num contexto diferente do normal. (PAIXÃO, 1983, p.71).

Sendo assim, conviver com a Poesia, com a Música ou as Artes em geral, permite-nos estar de olhos mais abertos, olhando além do que se vê, percebendo outros detalhes dentro dos contornos visíveis, onde a linguagem cumpre de maneira criadora a sua função simbólica.

Além do mais, toda essa atitude traz consigo o resgate do subjetivismo, que enfatiza principalmente os *fenômenos imateriais* como fundamentais para a compreensão do mundo contemporâneo e do ser humano em si.

Continuando nessa linha de pensamento, Paixão enaltece que para ele o “fazer poético,” acaba transformando os tempos que agem sobre o poema.

Transformando os tempos que agem sobre o poema (o histórico, o individual, o das imagens e do ritmo das frases) num único movimento de palavras, o poeta procura captar e transmitir a essência íntima e aprofundada das coisas. E, para isso, torna-se necessário subverter a ordem das coisas. (PAIXÃO, 1983, p.72).

Partindo deste pressuposto, o que importa para o poeta é que ele “[...] tenha o distanciamento da realidade, e ao mesmo tempo esteja engajado no seu movimento, para descobrir nela um arranjo diferente, poético.” (PAIXÃO, 1983, p.73).

Esse distanciamento da realidade, segundo o próprio autor, se dá pelo *devaneio* que permite a liberdade entre as ideias e as coisas. O devaneio seria um estado suspenso em que a atenção se desprende da realidade, permitindo ao poeta “[...] o livre trânsito entre as ideias e entre as coisas da realidade, sem uma pré-organização e sem uma ordem temporal fixa.” (PAIXÃO, 1983, p.77). O devaneio constitui, enfim, o ponto de partida para se chegar à concepção da imagem poética.

Sendo assim, o poeta mesmo alcançando o voo da imaginação e da emoção, ele orienta seu itinerário pelo mundo material. A realidade é a profunda

inspiração da Poesia e com a qual mantém uma forte relação simbólica, onde há o amálgama entre a imaterialidade e a materialidade dos fenômenos geográficos.

Concluindo este pensamento, Paixão (1983), realça que:

O sonho dos poetas com as palavras, contudo, deve ser um sonho rigoroso, militante, teimoso. Sua caminhada pelas casas das palavras não se dá à toa, mas define-se pelo próprio gesto de habitar, ocupá-las com presença humana, decorá-las com coisas da realidade. (PAIXÃO, 1983, p.80).

Para Moraes (1983), professor e crítico, formado em Letras, mas considera-se um autodidata, inclusive em Música, tanto a Música quanto a Poesia são linguagens ambíguas, possibilitando vários níveis de leitura, porém ele demonstra bastante atenção quando estabelece uma distinção entre estas artes:

Para a maioria dos leitores, contudo, o poema poderá chamar a atenção por – no mínimo - dois dos seus aspectos fundantes: a sua materialidade e o imaginário que surge ligado indissociavelmente, a esse tecido textual. O mesmo acontece com a música. Esse fenômeno não passou despercebido a Baudelaire. Já em 1861 ele dizia: 'Ouvi frequentemente dizer que a música não poderia vangloriar-se de traduzir o que quer que fosse com exatidão, como faz a palavra ou a pintura. Isso é verdade em uma certa proporção, mas não é inteiramente verdade. Ela traduz à sua maneira, e através dos meios que lhe são próprios. Na música, como na pintura e mesmo na palavra escrita, que é, entretanto a mais positiva das artes há sempre uma lacuna completada pela imaginação do ouvinte. ' (MORAES, 1983, p. 29).

Apesar dessa distinção que faz entre as artes, é importante frisar que essa capacidade de recriar significado de palavras, que tanto a Poesia quanto a Música são capazes, acaba também por “sugerir” outras formas de se enxergar e compreender a realidade.

Paixão (1983), em seu livro “*O que é Poesia*”, relatada com bastante clareza essas ideias, citando ainda Alfredo Bosi:

Foi pensando nisso, provavelmente, que o crítico Alfredo Bosi concluiu numa frase o que estamos tentando dizer: “o poeta é doador de sentido”. Essa capacidade de revelar nova substância dentro de palavras já gastas e surradas é que constitui a maior riqueza da poesia. (PAIXÃO, 1983, p.15).

Sendo assim, a Poesia busca estabelecer um conhecimento atento e sensível da realidade e em muitos aspectos se aproxima do universo da música. Conforme Moraes (1983, p.7-8), “[...] a música é, antes de mais nada, movimento. E

sentimento ou consciência do espaço-tempo. Ritmo, sons, silêncios e ruídos; estruturas que engendram formas vivas.”

João Baptista Ferreira de Mello, geógrafo e docente da UFRJ, desenvolveu um trabalho de mestrado intitulado “*O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira - 1928/ 1991: uma introdução à Geografia Humanística*”. No seu trabalho expõe que a pesquisa se insere no conjunto da Geografia Humanística, procurando um entendimento do mundo humano, “[...] através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar”, citando um trabalho de Tuan. (MELLO, 1991, p.4).

Na concepção de Mello (1991):

A geografia humanística, numa atitude diferente, centraliza no homem, enquanto ser pensante, uma importância vital, visando compreender e interpretar os seus sentimentos [...], até mesmo como a simbologia e o significado dos lugares podem afetar a organização espacial (MELLO, 1991, p.5).

A abordagem que se pretende dar nesse trabalho é no campo da Geografia Humanística, conforme assinalamos anteriormente. Nas expressões de Mello:

Os geógrafos humanísticos, contrastando com a maioria dos cientistas, utilizam como ferramenta de trabalho a experiência vivida. E, em seus esforços para interpretar como o homem se apropria e atua espacialmente e que relações mantêm com o mundo, não testam hipóteses, pressuposições ou tampouco utilizam teorias. (MELLO, 1991. p.5).

Como o objetivo deste trabalho é de verificar a geograficidade e a dimensão das relações sociais, psíquicas e espaciais entre a Geografia e Poesia na cidade de Londrina, principalmente, o trabalho de Mello foi muito importante para a concepção de algumas ideias que tínhamos sobre a possibilidade da vinculação entre elas.

Seu trabalho escreve detalhadamente, tanto do ponto de vista conceitual como metodológico, com abordagem e ferramentas da Geografia Humanística, o material produzido pelos compositores da música popular brasileira no período de seis décadas, de 1928 a 1991.

Na sua obra, Mello relata que há um corpo significativo de indagações a propósito da consciência dos compositores da música popular brasileira, sobre o espaço e o lugar.

Dentre as suas indagações para desenvolver o trabalho, há alguns eixos que foram sumamente importantes para desenvolver esta pesquisa, tais como:

- 1- Como os lugares qualificam os indivíduos e grupos sociais que os experienciam?
- 2- Por que determinados lugares servem como fonte de inspiração uma ou várias vezes, enquanto outros nem são lembrados?
- 3- De que maneira tem sido explorada a história geográfica da cidade?
- 4- Como os sentimentos pelos espaços e lugares são afetados pelo tempo e a convivência?
- 5- Como o homem experiencia, fantasia, calcula e entende o espaço?

Para tanto, Mello aconselha que o pesquisador deve embrenhar-se, sem preconceitos, nos significados que os seres atribuem aos espaços e lugares, visando compreender suas alegrias e carências, para então tentar influir e agir na construção de um espaço mais humanizado.

Ainda, na presente pesquisa, levantamos outras questões que estão sendo desenvolvidas para a elaboração do presente estudo:

- a) Como se pode melhorar e ampliar o nosso olhar geográfico sobre o comportamento humano contemporâneo estudando a relação entre a Geografia e Poesia?
- b) Estudando a produção poética londrinense, como é possível relacionar as categorias de análise geográfica e a sua pertinência com o lugar e com o tempo?

3. A GEOGRAFICIDADE TRANSFIGURADA PELA POESIA E SUA VISIBILIDADE SOCIAL, PSÍQUICA E ESPACIAL

3.1 RESGATE GEOGRÁFICO NA OBRA DE YOSHINOBU SEKO.

***“A minha vida até o dia de hoje
somente o cabo da enxada
conhece” (Yoshinobu Seko, [19 --])***

Apresentaremos sinteticamente uma biografia migratória do poeta Yoshinobu Seko.

Yoshinobu Seko nasceu na província de Guifu – Japão, no dia 1º de abril de 1913. Embarcou para o Brasil no dia 30 de outubro de 1926, partindo de Kobe no navio de imigrantes *La Plata-Maru* (na 2ª viagem do navio para o Brasil). No dia 17 de dezembro de 1926 chegou ao porto de Santos. Em 1929 foi trabalhar como colono na fazenda Nova Flora, distante de 25 quilômetros da cidade de Cambará – PR. Em 1930 fez o contrato de quatro anos para trabalhar na plantação de café, na fazenda Bacará, em Cambará. No ano de 1935 tornou-se proprietário de cinco alqueires de terras em Andirá - PR. Nessa época a poesia já fazia parte de sua vida. Em 1935 casou-se com D. Teruko Hashimoto.

Em 1940 mudou-se para Taquara do Reino, distrito de Ibiporã- PR com a esposa, três filhos e os pais. Nesta localidade abriram a mata e começaram a formar a lavoura de café. Tiveram mais quatro filhas e dois filhos, que nasceram nesta terra vermelha fértil. Em 1956 mudou-se para Londrina, onde os filhos começaram os estudos mais avançados.

Nesta cidade, nasceu a caçula dos dez filhos. Escrever livros e organizar encontro internacional de poetas e admiradores do estilo SENRYU foi uma das ocupações principais nos seus últimos anos.

Participou de vários concursos nacionais e internacionais de poesia TANKA e SENRYU, sendo o mais significativo o promovido anualmente pelo palácio Imperial do Japão, onde foi premiado duas vezes.

O TANKA é uma poesia clássica japonesa, anteriormente praticada pelos membros da Casa Imperial. Era uma poesia composta de trinta e uma sílabas, transmitida oralmente, cujos significados, muitas vezes ocultos, mas, com a sutileza da presença do tempo revelada indiretamente através da poesia. A presença de sentimentos era expressa direta ou indiretamente. O SENRYU era mais curto,

composto de 17 sílabas, proveniente do TANKA, expressando geralmente aspectos crítico-humorísticos da vida humana.

Yoshinobu Seko publicou ainda nove livros, entre poesias e ensaios, além de artigos e publicações, em jornais de colônia: Diário Nippak de São Paulo, Jornal Paulista e Paraná SHIMBUM.

No livro *Poemas do Lavrador* (1997), o poeta Yoshinobu Seko expressa a sua sensibilidade poética relacionada às recordações e lembranças de sua trajetória de vida, principalmente em relação ao seu trabalho em ambientes rurais e a sua vivência na família. Seus poemas revelam uma simplicidade digna de um sentimento verdadeiramente humano e afetivo com o seu lugar, numa geograficidade que se manifesta essencialmente pelo seu trabalho, o de lavrador.

O ato de “lavar a terra” constitui-se em um elemento de identidade que se fundamenta através de suas poesias, por meio de relatos sobre os mais variados aspectos da sua vida e da condição humana.

Os lugares, as paisagens e as situações retratadas em diversos locais por onde viveu, revelam seus pensamentos e vontades frente a um mundo que se movimenta rumo às ideias de progresso e de modernidade, resgatando em suas memórias a sua própria experiência de vida e de tempo pelos lugares que passou e que despertavam infinitas sensações, apontando novos olhares para a natureza e para o cotidiano, que se realizavam intrinsecamente com a terra.

Lendo a sua obra poética e para facilitar a análise e a extração de partes do texto, que transfiguram uma intensa geograficidade, portanto, um resgate geográfico no tempo e no espaço, subdividimos a obra em cinco temas gerais e abrangentes e forma incluídos mais dois subtemas como componentes desses cinco temas referenciados para melhor apreender especificar a qualidade e a dimensão dos seus sentimentos e seus pensamentos através da sua escrita.

As subdivisões temáticas foram nomeadas segundo a interpretação despertada nos nossos sentimentos. A seguir, apresentamos essas **cinco grandes divisões temáticas**.

LUGAR, AFETIVIDADE E EXPERIÊNCIA

REMINISCÊNCIAS RURAIS

O BRASIL INTERNALIZADO EM SUA GEOGRAFICIDADE

A DIMENSÃO DA VIDA E DA MORTE

Passagens Fúnebres

Família

TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM RURAL, DA URBANA E DA REGIÃO E SUA CONCRETUDE

A riqueza de sua poesia permitiu essas 5 grandes divisões temáticas com mais 2 subdivisões. Do total de 150 poesias lidas e analisadas, selecionamos para este trabalho 35 poesias que foram classificadas conforme a subdivisão proposta.

A seguir, apresentamos algumas justificativas dessa seleção como também a geograficidade contida nos poemas.

3.2 LUGAR, AFETIVIDADE E EXPERIÊNCIA

***“Há dois ou três meses quando passei
Nivelada terra vermelha estendia sem fim”
(Estrada para Assaí, p.12).***

Embora tenha sido um pouco difícil a subdivisão de 150 poesias em sete temas e subtemas de poesia, procuramos ressaltar neste item a questão da afetividade e experiência em relação ao lugar. Embora tenham surgido reminiscências e lembranças de várias regiões e continentes do mundo, tais como Japão, Londrina, Rio Amazonas, Oceano Atlântico, Jardim Público, Ilhas Malvinas (Argentina), Nordeste (Brasil), lavoura cafeeira, entre outros, a afeição e o apego ao lugar do poeta se vincula principalmente à terra rural, através das lavouras, da cafeicultura, do tempo na área rural, do tempo com os seus familiares no campo, plantando, colhendo, vivenciando algum evento passado, de alegrias, de tristezas ou saboreando algum produto.

Abaixo, selecionamos alguns trechos que demonstram a sua geograficidade com clara evidência das experiências e afetividades com os lugares que passou durante sua trajetória de vida.

Foram suprimidos alguns trechos das poesias, com o objetivo de ressaltar dois aspectos: a presença da geograficidade contida nas poesias. Acreditamos que as escritas não tenham sido prejudicadas com a supressão. Colocamos o símbolo a seguir nos trechos onde foram suprimidos *[...] Supressão de trecho da poesia.

1- “ESTRADA PARA ASSAÍ”, p.12 - Trechos extraídos da poesia de Yoshinobu Seko

*[...] Supressão de trecho da poesia

“Há dois ou três meses quando passei
Nivelada terra vermelha estendia sem fim

*[...]

De fascínio me encheu vendo agora
Verde tapete a roça de algodão,
Por onde alcança a vista contínua
Entre elas as pedras mostrando
a cabeça até o sopé da montanha pelada
Ondulam os verdes tapetes de capim
As casas de lavradores
que avistam ao longe e as de perto
Só mostram o escuro telhado
no meio ao imenso verde

*[...]

Passando no meio desta paisagem
Não sei por que,
Sinto que fui tingido de verde
Na estrada para Assaí”

2- “PROCURE LEMBRAR”, p.28 – Trecho extraído da poesia Yoshinobu Seko

*[...] Supressão de trecho da poesia

*[...]

*[...] largue a cidade e venha
de onde só pode ver o sol triangular
e quadrado
talvez tenha esquecido
no interior tem o imenso céu
cheio de árvores verdes
existe o grande solo que faz crescer a vegetação
existe o sol
só em escrever isto o cheiro da terra
o cheiro do café
o cheiro do algodão
o cheiro do capim
não sentiu?”

3- “**TURVO**”, p.127 – Trechos extraídos da poesia Yoshinobu Seko

*[...] Supressão de trecho da poesia

*[...]

O rio, por pouca chuva não turva
Mesmo assim se chover por longas horas
ou um ou dois dias
transforma num assustador rio lamacento.

*[...]

Desejo tornar-me o rio que compreenda
O outro
Não impondo somente sua ideia.”

4- “**CAMPO**”, p. 107 – Trechos extraídos da poesia Yoshinobu Seko

*[...] Supressão de trecho da poesia

“No campo restou coisa boa que
já não se vê mais na cidade

*[...]

o campo que proporciona sentir
a razão da vida
já na cidade
pais e filhos e irmãos
morando debaixo do mesmo teto
o trabalho é diverso
naturalmente vai separando
no campo *[...]
todos juntos
vive em torno de um assunto
no sofrimento e no lazer

*[...]

com certeza no campo
inda resta coisas boas!

5- “ESTRADA POEIRANTE”, p.144 - Trechos Extraídos da poesia de Yoshinobu Seko

*[...] Supressão de trecho da poesia

“A estrada de terra vermelha
com a contínua estiagem
o carro que corre a frente com a poeira

*[...]

A poesia que batia no pára-brisa
caía fazendo barulho

*[...]

embora sabendo que havia carro na frente
mas agora, a idade me ensinou
claramente que há outros carros na frente.

*[...]

não faço ultrapassagem perigosa
vagarosamente vou andando
nem desdobrando as belezas e mais belezas
ao redor!”

Verificando as poesias selecionadas para indicar “lugar, afetividade e experiência”, foi possível identificar que é muito substancial a lembrança do ambiente rural pelos seus trabalhos, colheitas ou críticas sobre o ambiente, sua vivência, não só como uma vaga lembrança do passado, mas como um presente muito vivo através do “cheiro”, dos diversos trabalhos desenvolvidos, das estiagens ou das condições do tempo presente em muitos momentos de convívio com sua família.

Conforme relatado anteriormente pelos estudiosos e particularmente Bosi (1995), a arte é uma atividade fundamental do ser humano, pois é um modo específico para o homem se relacionar com o mundo.

É preciso refletir sobre este dado incontornável: a arte tem representado, desde a Pré-História, uma atividade fundamental do ser humano. Atividade que ao produzir objetos e suscitar certos estados psíquicos no receptor, não esgota absolutamente o seu sentido nessas operações. (BOSI, 1995, p.8).

Desta forma, o desafio proposto ao indivíduo e ao pesquisador é tornar-se sujeito, mais do que o objeto da pesquisa, aprofundando fenomenologicamente para compreender os significados e valores que os seres

humanos atribuem ao espaço, comprometendo-se com a própria pesquisa, exercendo uma participação participante, tal qual o poeta Yoshinobu Seko, demonstrando que mesmo no trabalho, a percepção da Arte pela estética da linguagem, sempre esteve presente.

3.3 REMINISCÊNCIAS RURAIS

***“trabalhamos! Todos sujos de terra
contudo todos tinham sorrisos no rosto”
 (“Está Lembrado”, p.153)***

Na leitura de suas poesias, entendemos que a afeição e o apego ao lugar do poeta se vinculam principalmente ao campo, cujas lembranças e recordações desse espaço se manifestam no resgate crítico ou saudoso de suas memórias em sua escrita. As passagens de sua trajetória de vida, os relatos, as histórias, as paisagens, os lugares, revelam seu envolvimento intrínseco com a “terra” que, além de concentrar as mais variadas relações rotineiras, se constitui como um importante elemento identitário. Essas reminiscências apresentam significados e valores para as ações correspondentes ao tempo presente, reconstruindo as experiências do passado não só como reminiscências, mas como um tempo ainda muito vivo na sua memória, apesar dos relacionamentos hoje serem diferentes da vivência rural.

A lavoura cafeeira e a lavoura branca surgem com muita intensidade nas suas poesias, refletindo o *modus vivendi* da sua vida e da população próxima à sua existência. Os produtos agrícolas, fazendo parte de seu cotidiano como lavrador, aparecem constantemente como reminiscências positivas, queridas e como parte integrante do seu labor rural. Os produtos abaixo demonstram essa assertiva assinalando que, as expressões café e soja são as que mais aparecem no decorrer de sua poesia. Abaixo à relação sintética dessas expressões utilizadas e as páginas em que foram encontradas na análise do livro de Yoshinobu Seko:

EXPRESSÕES ENCONTRADAS	Nº DAS PÁGINAS DO LIVRO	TOTAL DE POESIAS
ARROZ	11, 85, 99	3
ALGODÃO	12, 23, 30, 51, 76, 118	6
NATUREZA	106, 109, 127, 148	4
CAFÉ	42, 44, 49, 91, 99, 100, 108, 118, 120, 134	10
SOJA	51, 71, 81, 85, 91, 99, 108, 118, 120, 134	10
MILHO	23, 30, 55, 64, 99, 153	6
TRIGO	51, 99, 100, 111, 118, 143	6

FONTE: Livro Poemas do Lavrador (1997) de Yoshinobu Seko
Organizado por: Gustavo H. B. Pereira (2011)

1- “ESTÁ LEMBRADO”, p.153 – Poesia Completa de Yoshinobu Seko

Obs.: Sem supressão de trechos da poesia

“A época da Revolução de 30
a época em que faltava para sobrevivência
roupa rasgada, sapato furado
trabalhamos! todos sujos de terra
contudo todos tinham sorrisos no rosto
no encontro o aperto de mãos calejadas
na simplicidade dos sorrisos que transbordavam
com a chegada da noite o mutirão
sob o céu estrelado, com a debulhadeira de milho
trabalhamos até o meio da noite
recoberto de pó e suor.
Lembra do mutirão de capina na casa
onde adoeceram e a plantação estava invadida
pelo capim.
Naquele tempo todos os homens eram gente
mas, agora todos morreram.
Defronta com acidente mas dão as mãos
antigamente na sua pobreza
os homens eram gentes.”

2- “ANTIGAMENTE E ATUALIDADE”, p.71 - Poesia Completa de Yoshinobu Seko
Obs.: Sem supressão de trechos da poesia

“Cerca de meio século antes
somente quatorze ou quinze
famílias de japoneses
desbravaram uma fazenda que
ainda existe
levado por saudosismo
dei volta por lá
na parte plana
a plantação de soja ondulava
ao vento
na montanha de pedras
que tanto sofrimento nos causou
balouçava o verde capim
as nossas moradias
pomar e as grandes árvores
todas se apagaram
nada restou das lembranças
depois que descobri
o filete de água que corria
aos poucos
meio (sic: veio) à tona
a construção em linha reta
então, a minha casa lá no extremo
ali era casa do Sr. Fulano
mais pra adiante morava a família
grande
era sempre animado
era mesmo
um pouco para cá morava
um cristão procedente de NARA
que foi se embora dizendo que
la pra MANCHÚRIA
de repente estático
comecei a lembrar tudo.”

3- “O HOMEM”, p.99 – Poesia Completa de Yoshinobu Seko

Obs.: Sem supressão de trechos da poesia

“Por que o homem deseja
tanto dinheiro
só porque dizem que a soja e trigo
dão lucros
lavradores que estimavam tanto
aquele café
acabou arrancando tudo
do pasto, da roça de algodão
até a terra dos arrozais
o que precisa para alimentar todos os dias
transformou tudo para soja
carne de boi escasseando
o arroz, o milho e o feijão até farinha de mandioca
a ponto de não poder dizer suficiente
vivendo num grande continente de
imensas terras
os pés de lavradores que pareciam
estar firmes pisando este chão
já começaram a flutuar
e outras coisas também
a ponto de não semear mais o arroz
na perseguição ao dinheiro
transformou o lavrador!”

4- “A REGIÃO DA SOJA”, p.81 - Poesia Completa de Yoshinobu Seko

Obs.: Sem supressão de trechos da poesia.

“Com a estiagem atrasou a sementeira
como se fosse mentira
que o chão de terra vermelha
que estava exposta
a benéfica chuva em uma só vez
todo o chão onde a vista alcança
como o mágico
transformou num só ato em verde
as sojas que partiram depois
esforçam-se em direção ao sol
somente o negro e brilhante asfalto
rasga o verde em direção ao céu azul
sobre o trator capinadeira
sob o claro sol de pleno verão
algumas nuvens vai atravessando
deixando a sombra sobre a roça da soja
infinitamente sem fim o verão a soja
estendem na estrada do Paraná
envolvendo de verde e alegria
os lavradores!”

5- “DESOLADA PAISAGEM, p.23 – Poesia completa de Yoshinobu Seko

Obs.: Sem supressão de trechos da poesia

“Olhando para todos os lados
sem nenhum verde
o pasto seco e o gado sem vida
vagueia o dia todo
Ao chegar a noite o grande vaga-lume
ansiando a luz do lampião
da roça de milho
apenas um metro
deve chegar é sua hora
O que aconteceu, esta contínua estiagem
o que existe é só o cheiro da poeira da
terra vermelha
na estrada, na casa e no ar
Espera em vão a roça de algodão
a sementeira
para longe contínua a nivelada
terra vermelha
Na nivelada roça sem nenhum verde
não vejo sequer uma imagem do lavrador
em algum lugar esteja
submerso no pensamento
A perereca e também a saracura
esqueceram de chamar a chuva
e a vida do ano vindouro
que nos lavradores sonhamos
a cada passo vai se misturando
a desolada paisagem”

6- “A TERRA DA PRIMAVERA”, p.30 – Poesia Completa de Yoshinobu Seko

Obs.: Sem supressão de trechos da poesia

“Na chuva da primavera a semente do milho
que foi colocada dentro da terra vermelha
aponta com a pálida cor verde
como palito de fósforo e algodão
está em pé suas pernas vermelhas
O solo empurra cada vez estas crianças
para que cresçam para cima os braços verde claros
como abraçasse o sol a ponto de ser avarento
abraça e não larga a floresta, o pasto,
até as águas do rio correm com coloração verde
faz brilhar até pelagem dos cavalos e das vacas
a terra da primavera é de verdade uma exímia mágica
Do jardim de todas as casas
o som das palmas sem dó
vai envolvendo em várias camadas
a terra da primavera na cor verde.”

Se na diversidade é que existe a unidade, conforme Moreira (2006),
as poesias demonstram que o mundo do poeta Yoshinobu Seko é formado pela

pluralidade e pela diversidade. Na pluralidade e na diversidade surgem expressões como: trabalhadores, rios, café, milho, arroz, mutirão, antigamente, atualidade, Manchúria, pasto, roça, dinheiro, asfalto, etc.

A relação de vivência no espaço, íntimo pelo trabalho, íntimo pela família e íntimo pela produção, essa coabitação “[...] une essa diversidade diante desses nossos olhos [...]”, pois isto é que dá a qualificação do “espaço”, conforme Moreira (2006, p.168). Seu forte sentido de pertencimento “[...] identifica-se no enraizamento cultural que surge da identidade com o meio, via o enraizamento territorial que tudo isto implica.” (MOREIRA, 2006, p.169).

3.4 O BRASIL INTERNALIZADO EM SUA GEOGRAFICIDADE

***“De alguma maneira,
setenta anos dependi do planeta Terra”
(Yoshinobu Seko, [19 --])***

A geograficidade está presente em toda sua obra. O próprio título do livro “Poemas do Lavrador” permite-nos compreender que o poeta Yoshinobu Seko se reconhece e se identifica pelo seu trabalho, o de lavrador, que só se realiza numa relação de interdependência com a terra, principalmente com a terra brasileira. Esta relação propiciou um sentimento de pertencimento muito grande, que se expressa em diversas passagens em sua poesia, quase sempre agradecendo e reverenciando, com muito amor, o seu labor no campo que, além de garantir sua existência na Terra, propiciou o sustento de sua família, outra grande paixão em sua vida. Praticamente em todas as suas poesias há alguma menção referente ao lugar que, lembrado, passa a fazer parte da sua memória, portanto, uma lembrança afetiva. Esses lugares são representados por vários espaços públicos ou particulares, mas principalmente do Brasil. Foram lembradas também, como fazendo parte de sua memória afetiva, várias regiões do Japão, como também representações sociais e ou públicas.

Abaixo, podem ser observados esses locais pela sistematização feita durante a leitura de suas poesias:

Japão; Londrina; Assaí; Brasil, Mar do Caribe, Nordeste, Guaratuba, Praia, Lavoura Cafeeira, Terra Natal, Colônia de Imigrantes Japoneses, Campo, Cidade, Aeroporto de Viracopos e de Haneda, mesa, terra vermelha, terra, casa,

Amazonas, Campo Grande, Assunção, Tibagi, Rio Amazonas, Guaíra, Linha Sorocabana, estação Terminal, Terra estrangeira, Nara, Manchúria, Fazenda, Rua, Memória, Paraná, Casa rural, Belém, Oceano Atlântico, Ilha de Marajó, Rio Negro, Margens de um rio, Velório, Cemitério, Praça, Cidade Universitária de Londrina, Campos do Jordão, Ibikawa, Jardim Público, Ilhas Malvinas.

Nos lugares lembrados para compor sua poesia surgem paisagens, regiões, como também cidades e áreas do campo, por exemplo: terra vermelha, região da soja, Campo Grande, margens de um rio, respectivamente.

A sua percepção espacial, temporal, paisagística e sobre os lugares é muito variada, ampla e universal, certamente como se processam esses lugares de uma forma muito marcante, mas perceptiva ao poeta.

Os exemplos abaixo retratam essa multiplicidade de lugares e a dimensão da sua percepção: Mar do Caribe, Aeroporto de Viracopos (Campinas), Aeroporto de Haneda (Japão), Rio Tibagi, Rio Amazonas, Oceano Atlântico, Rio Negro, Campos do Jordão, Ilhas Malvinas (Argentina), Cidade Universitária de Londrina. Por outro lado, os locais referentes à paisagem rural, à natureza e região, surgiram inúmeras vezes conforme a tabela abaixo:

LOCAIS REFERENTES NA POESIA	Nº DAS PÁGINAS DO LIVRO	TOTAL DE POESIAS
PAISAGEM RURAL	12, 16, 17, 18, 21, 22, 28, 37, 42, 44, 54, 71, 76, 81, 85, 93, 109	17
REGIÃO	31, 39, 53, 54, 60, 62, 76, 81, 86, 96, 99, 134	12
NATUREZA	106, 109, 127, 148	4

FONTE: Livro Poemas do Lavrador (1997) de Yoshinobu Seko (1997)
Organizado por: Gustavo H. B. Pereira (2011)

1- “PISE A TERRA”, p.47 – Trechos extraídos da poesia de Yoshinobu Seko
 *[...] Supressão de trecho da poesia

“Pise a terra, pise
 ali descobrirão
 a grande mãe natureza
 do deserto de cimento
 quem disse que
 brota alguma coisa

*[...]

tire o sapato, tire
 e pise no úmido e grande solo
 com certeza ali
 descobrirá o modo de viver
 correto e alegre como homem”

2- “TERRA”, p.35 - Trechos extraídos da poesia de Yoshinobu Seko
 *[...] Supressão de trecho da poesia

“O que satisfaz a fome é comida
 sustenta a casa e sustenta o homem
 o que sustenta o prédio
 também é a terra
 da terra nasce a carne, nasce o alimento
 nasce o ferro
 e nasce a cultura,

*[...], os lavradores
 foram forçados a pagar ICM
 ficaram sem condições
 de trabalhar com os pés
 firmes no chão
 os pés do lavrador sem firmeza no chão
 para cidade vão se dirigindo
 os que não tem afeição
 na terra também
 Alguma vez lembre que
 para poder viver tudo vem na terra
 que isto é a derradeira
 voz do lavrador
 uma pontinha mas quero que saiba
 Contudo somos pobres mas
 juntando as forças
 não queremos tornar
 lavradores que comam até as sementes
 de todo coração!
 Somos lavradores que
 desejamos uma vida cheia de amor!”

3- “O LAVRADOR”, p.58 - Poesia Completa de Yoshinobu Seko
Obs.: Sem supressão de trechos da poesia

“Longe das terras de jeito nenhum
 posso continuar vivendo
 sou lavrador
 mesmo com escassez
 do pão de cada dia
 mas...
 nunca passou pela cabeça
 a idéia de fazer greve
 nem tão pouco inveja tive
 enquanto posso comer,
 fubá e farinha de mandioca
 não quero depender
 de ninguém falando manso
 quando vejo gente
 falando manso
 para saciar a fome
 o nojo é maior
 do que sinto por lesma
 sou lavrador
 mesmo que os companheiros
 caiam um após outro desnutridos
 não consigo falar manso
 cada vez que me pisam
 para baixo mais e mais
 sou capim sou lavrador
 na contínua estiagem procuro a unidade
 não quero que a política
 me mate
 mesmo que a calamidade
 me mate.”

4- “DE GRÃO EM GRÃO NA SEMENTE”, p.116 – Trechos extraídos da poesia de Yoshinobu Seko

***[...]** Supressão de trecho da poesia

“Seja a melhor semente
 se semear e abandonar, não possibilita
 boa colheita
 se não houver aliado que se chama
 natureza
 a luz do sol o calor do solo e
 se não houver amor como
 na criação dos filhos
 é impossível continuar protegendo
 a plantação dos insetos nocivos

***[...]**

e ao prazer de ver crescer as coisas
 em cada uma das sementes!”

5- “RIO PARANÁ”, p.31 – Poesia Completa de Yoshinobu Seko
Obs.: Sem supressão de trechos da poesia

“Água de muitos estados
 hoje ainda está correndo
 a junção da água que difere de ontem
 debaixo da ponte o primeiro do Brasil
 longa e muito longa ponte
 que ligou o estado de São Paulo
 ao Mato Grosso do Sul
 e aí as águas do rio Pardo
 que vem de
 Mato Grosso, batendo na base da ponte
 as águas vermelhas e lodosas
 com a imagem de quem
 não dá concessão a ninguém
 persiste correr do lado do Mato Grosso
 aos poucos muda a feição para paz
 sem que saiba quando todas águas
 tornam-se amigas
 contando entre elas coisas da sua terra.
 viajam em direção a terra desconhecida
 água mais água mais água.”

6- “A IMAGEM DO HOMEM”, p.49 - Trechos extraídos da poesia de Yoshinobu Seko

*[...] Supressão de trecho da poesia

“A continua estiagem pré-primavera
 que perdurou cerca de cinquenta dias
 hoje novamente o lavrador
 a ponto de doer o pescoço
 olha para o céu pensando
 nos botões do café, na sementeira
 costelas que começaram aparecer
 nas vacas e cavalos

*[...]

de repente violento raio e chuva
 sem nada a dizer sobre os estragos
 aplaude dizendo, chuva de amor, chuva de amor
 no segundo dia já
 as mulheres comodistas reclamam
 não secam as roupas
 no terceiro dia, até os homens
 que tanto esperavam
 começam olhar os céus
 como se dissessem já podia parar
 ali se vê à tona
 a imagem verdadeira do homem
 claramente!”

A geograficidade internalizada no poeta transparece como resultado da sua vivência no espaço-terra, ligando-se a Terra realizando a sua condição terrestre ao lado da sua percepção artística. A condição terrestre é dada pela sua vivência, espaço vivido ou espaço-vivo. A percepção artística é concomitante à sua vida, seja no trabalho, na vida em família ou na sua análise crítica e percepção das desigualdades do mundo. Lembrando Dardel, que reforça a idéia de que a Geografia é antes da ciência, “[...] uma manifestação de uma realidade, que é a sua existência humana que se desenvolve sobre a Terra” e conforme Tuan (1983, p.3), onde relata que, “[...] o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. [...] tempo e lugar são componentes básicos de um mundo vivo”.

Nessas circunstâncias, aflora a alma do poeta Yoshinobu Seko para reafirmar o pensamento de Tuan (1983, p.3) “[...] quando pensamos sobre tempo e lugar, [...] podem assumir significados inesperados e levantam questões que não ocorreria em indagar.”

Se a memória é uma categoria fundamental no sentido de resgatar os significados, valores e ideias atribuídos aos espaços, possibilitando tanto a constituição quanto à continuidade das identidades socioculturais e as suas respectivas percepções e intervenções sobre os lugares e as paisagens, conforme foi assinalado no tópico sobre a memória, é importante compreender que “[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo [...]”. (POLLACK, 1992, apud SCHIMDT, 2000, p.12). Assim, o passado constrói o futuro “[...] e é para o futuro que se volta assim, essa memória ativa, afirmando o poder e a força da ação humana sobre sua própria história.” (GUARINELLO, 1993 apud SCHIMDT 2000, p.14). E, complementando, ainda, registrar que “[...] o instrumento decisivamente socializador é a linguagem. (BOSI, 1979 apud SCHIMDT, 2000, p.12).

3.5 A DIMENSÃO DA VIDA E DA MORTE

3.5.1 Passagens Fúnebres

***“o papel do protagonista
um dia chegará
quando será?”
 (“Protagonista”, p.69).***

Os seguintes poemas se referem às passagens fúnebres: *“Minha Mãe”, “Vida”, “Sonho da Falecida Esposa”, “Anúncio Fúnebre”, “Restos Mortais do*

Pai”, “Notícias do Velho Amigo”, “Ponto Final”, “Diminuem os Homens”, “Protagonista”, “Vida”, “A Idade do Falecido Pai”, “No Fundo do Oratório”, “Não Vou Falar Mais”, “Converso com Falecida Esposa”, “Março”, “Cercando a Mesa do Ano Novo”, “Sepultura”, “Encontro Casual”, “Reservar as Lágrimas”, “Sussurro da Morte”, “Está Lembrado”.

São 21 passagens, frases, textos ou palavras que nos remetem à passagens fúnebres de sua vida. Yoshinobu Seko, consciente da finitude da vida humana, expõe em alguns episódios de suas poesias, reflexões de sua própria vida através de lembranças e reflexões sobre a morte. Ele confessa, com bastante delicadeza, os sofrimentos vivenciados por ele e as sensações das perdas das pessoas que tanto amou, como seus pais, seus filhos, avós, seus tios, amigos, mas, principalmente, sua esposa. O reconhecimento de sua velhice o aproximou cada dia mais dessa reflexão, quando cada momento para ele passa a ser irre recuperável e o indaga com o aumento da expectativa de se tornar, a qualquer instante, o próprio protagonista de uma passagem fúnebre.

Extraímos algumas passagens da sua poesia relacionada ao assunto vida e morte.

1- “MINHA MÃE”, p. 09 - Trechos extraídos da poesia de Yoshinobu Seko

***[...]** Supressão de trecho da poesia

“A minha mãe, oito meses após
ter-me dado a luz
acabou falecendo

***[...]**

Com certeza a minha mãe também
até o derradeiro momento
mais do que os meus irmãos ela criou.
Amou a tenra criança que fui eu

***[...]**

2- “NOTÍCIAS DO VELHO AMIGO, p.41 – Poesia Completa de Yoshinobu Seko
Obs.: Sem supressão de trecho

“Meus pais, avós
 Tio e tia, irmão e irmã
 além de três filhos, enterrei
 a tristeza do adeus
 conhecida parecia
 no entanto
 Dantes não era senão
 uma desconhecida a minha esposa
 Após a sua morte
 não imaginava quanto ampara minha alma”.
 Lendo esta notícia não sei quando
 lágrimas molharam as minhas pálpebras
 isto só
 conhece quem experimentou
 a dor penetrante foi me castigando.”

3- “PROTAGONISTA”, p.69 – Trecho extraído da poesia de Yoshinobu Seko
 *[...] Supressão de trecho da poesia

“Como coadjuvante
 participei de muitos funerais
 sem saber quando
 estou prestes a chegar
 aos setenta anos
 para quem nunca desempenhou
 o papel do protagonista
 um dia chegará
 quando será?

*[...]

4- “MARÇO”, p.118 – Trechos extraídos da poesia de Yoshinobu Seko
 *[...] Supressão de trecho da poesia

“O mês de março é o mês que
 todos almejam neste país

*[...]

Mas para mim o mês é cruel
 pois é o mês em que
 perdi meu avô, avó, mano mais velho
 e a querida esposa
 no café que ora amadurece
 no algodão branco que se pendura
 neles surgem e flutuam esses parentes
 sou atacado por espécie de desmaio
 sinto que de repente a vida se distancia
 abro os olhos e ali
 adentrou a grande linha do horizonte.”

5- “SONHO DA FALECIDA ESPOSA”, p.14 - Trechos extraídos da poesia de Yoshinobu Seko

*[...] Supressão de trecho da poesia

“O respirar da esposa que dorme ao lado
Problemática válvula do coração
alguma vez faz DUM! DUM!

*[...]

alguma vez nem sinto respirar
De súbito, levemente passo a mão
no seu rosto
sinto o calor passando para mim
Nessa hora o meu coração
recupera a calma
Volta a tranquilidade
Estava vendo no sonho acontecimentos
da vida.”

6- “A IDADE DO FALECIDO PAI”, p.82 – Poesia Completa de Yoshinobu Seko

Obs.: Sem supressão de trechos da poesia

“Ano que vem estarei com a idade
do falecido pai
fico a pensar estas coisas e
vem a mente o pai que um dia
se foi
No inverno na varanda ao sol
como se relembando alguma coisa
repetindo o ato
de puxar e soltar a frouxa pele
do braço
imóvel olhando
a pele que perdeu a elasticidade
sem apagar as rugas
aos poucos
vai voltando como dantes
estes atos eu também estava repetindo
quando pensava que ano que vem
estarei com a idade do
meu pai!”

As passagens fúnebres constituem um dos pontos altos do poeta Yoshinobu Seko, demonstrando a condição de vida e morte do ser humano, como também sentimentos expressivos vinculados à condição terrena do homem, representada pela vida em sua família. Percebe-se uma estreita relação entre a linguagem e a memória, acarretando a elaboração de pensamentos carregados de símbolos e imagens da sua vivência individual ou em grupo oferecendo elementos

para compreender os processos e as conseqüências procedentes da sua geograficidade e das relações espaciais.

Como foi já discutido na fundamentação teórica, deve ser registrado novamente que “[...] o envolvimento do ser humano com o ambiente resulta em lugares culturalmente construídos. Nesta perspectiva, a Literatura é uma linguagem que faz parte da cultura de uma sociedade tanto quanto seus rituais ou sua organização familiar.” (PEREIRA, 2011).

3.5.2 Família

***“Que alegria
e que tristeza
o ato de preservar a família”
 (“Tristeza e Alegria”, p.72)***

O eixo temático principal de sua poesia decorre tanto da sua experiência como lavrador no norte do Paraná como também está muito presente na sua família, não só como colaboradora, mas como participante integral no seu cotidiano, tanto no trabalho quanto no dia a dia de sua vida. Como foi mencionado acima, a família é um tema bastante recorrente em sua obra, portanto a sua poesia, a sua recorrência, juntamente com a educação e vida em família com os filhos, surge de forma afetiva, outras vezes de forma preocupante e outras como a família e seus problemas como a própria condição humana. Nesse tópico foram extraídas de sua poesia mais de 50 passagens lidas: *“Minha Mãe”, “Mistério”, “Idade”, “A Lei Trabalhista”, “Labaredas”, “Na Chuva”, “Praia pela Manhã”, “Caridade”, “Crise”, “Dificuldade”, “Restos Mortais do Pai”, “Notícias do Velho Amigo”, “Despedida”, “Passos Cansados”, “Tome num só Gole”, “Família de Lavrador”, “Tempo”, “Afeição”, “Antigamente e Atualidade”, “Tristeza e Alegria”, “Filhos”, “Quando Forem Pais”, “No Coração do Homem”, “Gripe”, “O Caminho para a Praia”, “No Fundo do Oratório”, “Telegrama”, “Dinheiro”, “Castanha D’água”, “Notícias”, “Não Vou Falar Mais”, “Agora sim”, “Ficar na Ponta dos Pés”, “Campo”, “Converso com Falecida Esposa”, “Vamos Tornar Um Só”, “Meu Humilde Parecer”, “De Grão em Grão na Semente”, “Filho Iltrado”, “Cercando a Mesa do Ano Novo”, “Sombria Mesa”, “A Esposa Não Recompensada”, “Preferência”, “Estrada Poeirenta”, “Grande Natureza”, “Corrosão”, “Sussurro da Morte”, “Pai e Filho é Sombra Um do Outro”.*

1- “A LEI TRABALHISTA”, p.16 – Poesia Completa de Yoshinobu Seko

Obs.: Sem supressão de trechos da poesia

“A família de lavrador que
 tudo planta e não tem lucro
 Ficou envolta em sucessivas leis
 Os lobos da aldeia que
 experimentaram o sabor da carne
 De casa em casa foram atacando
 Agora, o caracol que subia o tronco molhado
 pela chuva, encolheu seu pescoço.
 De quando em vez mexendo as duas
 antenas procura o que há do lado de fora
 Hoje novamente, o lobo vizinho
 com pretexto da Lei Trabalhista
 usa sua presa para triturar
 A magra família do lavrador.
 Ao longe latido do lobo
 pequeno lavrador cerra firme a porta de medo
 querendo guardar até a morte seu pequeno castelo
 Lavrar a terra é serviço dos tolos
 Contudo com estas forças do tolo
 que: o homem está vivo
 Com o poder da ciência
 até conseguir produzir
 arroz artificial, feijão, carne e verduras,
 mesmo sabendo ser trabalho dos tolos
 não podemos deixar de amar a terra
 Somente os tolos de verdade
 Permanecem agarrados a terra
 Acreditando que um dia terá
 o reconhecimento politicamente.”

2- “PASSOS CANSADOS, p.48 – Trecho extraído da poesia de Yoshinobu Seko

***[...] Supressão de trecho da poesia**

***[...]**

há o amanhã
 há o calor da família
 esposa e filhos
 experimente o jantar
 reunidos a volta da mesa
 com certeza, dali
 brotará
 força cheia de alegria
 para viver o amanhã!”

3- “SOMBRIA MESA”, p.124 - Trechos extraídos da poesia de Yoshinobu Seko
 *[...] Supressão de trecho da poesia

“Antigamente o dia que mais
 prazer me dava
 a mesa do jantar.
 Lembro-me da delícia do jantar
 cercando a mesa com pequeno lampião
 sobre a lata de banha no centro
 qualquer coisa era deliciosa
 mas agora a mesa está totalmente
 fria
 Embora do teto venha ofuscante
 brilho
 não sinto claridade nem calor,
 cada qual satisfazendo a barriga
 mais que depressa ajeita-se defronte a
 TV
 todos em silêncio

*[...]

Que frio é esse?

*[...]

4- “TRISTEZA E ALEGRIA”, p.72 - Trecho extraído da poesia de Yoshinobu Seko
 *[...] Supressão de trecho da poesia

“Que alegria
 e que tristeza
 o ato de preservar a família
 como os antigos
 expressaram bem
 o período mais alegre da
 vida
 é o tempo da criação dos
 filhos.

*[...]

5- “TOME NUM SÓ GOLE”, p.50 - Trechos extraídos da poesia de Yoshinobu Seko
 *[...] Supressão de trecho da poesia

“Não se inquiete
 atordoar com pingo de bebida
 lavrador também uma
 profissão honrada
 na família X formaram
 três doutores
 o filho do mais íntimo dos amigos
 dizem que tem seu salário de
 cem mil reais
 não ter ido para capital
 o motivo de meu fracasso
 sem estudo como eu
 faltou esta coragem
 até para os filhos
 proporcionei sacrifício contínuo
 sou covarde
 acabei formando gente que
 só serve para lavoura
 que nenhum lucro traz

*[...]

silenciosamente cercando
 a luz da noite
 um momento com a família
 concentrando num assunto
 talvez seja um cantinho feliz
 de uma vida
 vamos aperceber que
 aqui existe vida
 beba, tragando!”

O filósofo Morin (2000) é um dos pensadores do mundo contemporâneo que mais tem expressado com veemência a necessidade de uma profunda reflexão sobre o conhecimento científico, em vários campos do saber, para fazer face à complexidade da vida, às incertezas e à religação de saberes. Assim, o filósofo tem divulgado e lutado para uma epistemologia da complexidade, incorporando não só aspectos e categorias da Ciência, da Filosofia, e das Artes, mas também os diversos tipos de pensamento, sejam místicos, empíricos, racionais lógicos, para fazer emergir o sujeito no diálogo constante com o objeto do conhecimento. Assim, é importante estabelecer conexões e “[...] tecer junto às instâncias antagônicas, restituindo o diálogo entre o pesquisador e a sua investigação.” (RIBEIRO, 2006, p.25).

Nesta perspectiva foi possível perceber que esta foi a atitude do poeta, que este pesquisador compreendeu e que procurou estabelecer caminhos e suportes para entender melhor à relação do Homem e da Terra.

3.6 TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM RURAL, DA URBANA E DA REGIÃO E A SUA CONCRETUDE

***“[...] não sei quando, me fez retroceder para
LONDRINA de meio século atrás
onde o machado, foice e sofrimento
juventude e esperanças se misturaram [...]”
(Palmito Açaí, p.60)***

As paisagens, tanto rurais como urbanas, fazem praticamente um pano de fundo por onde percorrem as poesias do poeta Seko. Não são paisagens simbólicas, mas reais carregadas de uma visão social, crítica e política. Seus poemas são altamente contemporâneos, pois nesse pano fundo percorrem as emoções vividas no campo e na cidade, que ainda permanecem como “espaços-vivos” que percorrem as letras que vão perfilando nas folhas brancas, transcritas inicialmente com a caligrafia oriental japonesa. Nessa paisagem, rural e urbana, está contida toda uma experiência de vida, de trabalho, de educação dos filhos, a convivência com os vizinhos, o cotidiano vivido na lavoura e as representações que o poeta consegue materializar com suas palavras. Há uma predominância da ruralidade e da sua vida como lavrador, que lavra a terra que lhe deu o sustento e fez sua família crescer.

1- “ESTRADA DO OUTONO”, p.134 - Poesia Completa de Yoshinobu Seko

Obs.: Sem supressão de trechos da poesia

“A imagem do cafezal se apagou
na estrada do Paraná
no meio a plantação de soja que começa
amarelar
corre negra a estrada estadual
adentrando no céu azul como herege
a luz clara e muito clara, o sol vai derramando
sobre a plantação de soja
as nuvens vão deixando
algumas sombras
sem limite, sem fim
o outono cobre totalmente
a estrada paranaense!”

2- “TEMPO”, p.61 – Poesia Completa de Yoshinobu Seko
Obs.: Sem supressão de trechos da poesia

“Filhos!
estes altos prédios de
vinte e um andares
como este lindo jardim
esta moderna igreja estão construídos
mas
quarenta anos atrás
aquela figueira igual ao do bosque
de muitas braçadas
conservada ao lado da igreja,
aquela peroba que avança
direto para o céu
faziam parte da densa floresta
a folha da figueira que acumulou
depositando tudo
para que os que nem germinando
para tornar força para eles
para isto as folhas caíram!
filhos,
enquanto houver
este imenso território
infinito céu e sol
tudo pertence a vocês
são tudo deste país que vocês amam
com certeza herdaram
dos pais que imigraram
virtudes e defeitos
mas
deixem fora o que é ruim
juntem o que de bom este país
lhe oferece
e o que de bom os pais trouxeram
de suas terras
dediquem de corpo e alma
na construção do seu país
como seus pais que
dedicaram a vocês com toda paixão
na construção do país melhor
agradável de viver
as mãos grandes e as mãos pequenas
todos juntando as forças
doravante os pais que vão se tornando
as folhas caídas
seus desejos quanto antes
apercebam
pelo menos na época em que
as folhas caem!”

3- “**ESTRADA**”, p.141 - Poesia Completa de Yoshinobu Seko

Obs.: Sem supressão de trechos da poesia

“O país quanto mais desenvolvido
excelente as estradas, dizem
talvez seja isto mesmo
A estrada onde somente passava o cavalo
dentro do mato que nem o sol alcançava
o ônibus ficou de barriga no chão
Agora este local também é
asfaltado, mas quanto mais progresso
no mundo
o sistema de construção da estrada mudou.
Preferência para os vagões
testemunhando isto, foi se perdendo
o espaço para o homem andar
proliferam delinqüentes nas ruas
Concluem-se estradas visíveis ao povo
mas
esqueceram de construir estradas
onde a gente deve andar como homem.
Oh, POLÍTICOS, percebiam um
pouco estas coisas, o que desejamos.”

4- “**MOTORISTA**”, p.129 - Poesia Completa de Yoshinobu Seko

Obs.: Sem supressão de trechos da poesia

“Eu sou caipira
por isso quando vou à cidade
uso somente TÁXli
Não sei se distância para o destino
mesmo assim entre os motoristas da cidade
dizem muito perto não atendem
com certeza não proporciona lucro.
Talvez pensem ao deixar as
pessoas perto novamente
encontre outro usuário para perto
pois pode haver sorte de deixar usuário
por perto e apanhar um que
vá para longe
Não estarão as pessoas atuais
brandidas só pelos lucros imediatos
Os motoristas da cidade já que esqueceram
A sua função de motorista
a cidade onde moro aos poucos
está crescendo
Quando penso que logo vão dizer
usuários para perto não atenderemos
sem querer desanimei!”

5- “A PAISAGEM QUE ME DESAGRADA”, p.76 - Poesia Completa de Yoshinobu Seko

Obs.: Sem supressão de trecho da poesia

“É triste casa de lavrador que
 não tenha plantado sequer uma flor
 Na região plantada de algodão
 nem ali acolá
 não se vê plantas nem flor
 Dá tristeza quando vejo a casa
 do lavrador com algodoeira até
 o beiral da casa
 esta tristeza
 agora na região do café
 estão repletos nas estradas do paraná
 Apagaram-se as imagens
 do pomar e o pasto que existia
 em todas as casas de lavrador
 O que avisto são grandes barracões
 para guardar as máquinas
 e a humilde moradia e
 os tanques onde guardam
 dezenas de mil litros de óleo diesel
 no meio da terra vermelha
 após a colheita no meio da terra
 vermelha
 existe a paisagem que me desagrada.”

6- “PALMITO AÇAÍ”, p.60 - Poesia Completa de Yoshinobu Seko

Obs.: Sem supressão de trechos da poesia

“O melhor que seja a floresta
 onde não se vê palmito é
 como aglomerado só de homens
 contendo um palmito
 a imagem da mata
 transforma numa doce floresta
 as margens do rio Amazonas
 no estado do Pará
 todos se desmancharam era a ilha
 imaginária só de mulheres
 recoberta por delicadas palmeiras Açaí
 por onde a vista alcançava
 olhando tudo isto
 não sei quando, me fez retroceder para
 LONDRINA de meio século atrás
 onde o machado, foice e sofrimento
 juventude e esperanças se misturaram
 o envelhecido filme negativo
 comecei a arrumar.”

7- “SOLIDÃO É TRISTE”, p.106 - Poesia Completa de Yoshinobu Seko
Obs.: Sem supressão de trechos da poesia

“Na cidade universitária de Londrina
restam algumas gigantescas perobas
poupadas na derrubada
ninguém ousa feri-las
só há pessoas que rogam
para que desenvolvam com
densas folhas verdes
Na peroba que foi deixada só
Já
não se pode ver a mesma imagem
da vida na floresta
quando lutava pela sobrevivência
o solitário e rugoso tronco
tendo na cabeça um pouco
das folhas que restou de cor marrom
com certezas também as plantas
onde não existem companheiros
não poderão sobreviver
entre eles
há o que já secou como o que tombou.”

Foi muito gratificante observar que o poeta Yoshinobu Seko ao retratar seus aspectos da família, dos amigos, dos seus trabalhos, de suas alegrias e angústias, percebeu a rápida transformação do espaço geográfico rural, sendo paulatinamente invadido pelos símbolos, códigos e realidades da vida e da sociedade urbana. Suas poesias demonstram a sua perspicácia em compreender essa transição, muitas vezes registrou com ternura, com conformismo, ou quase sempre com uma criticidade apurada as mudanças espaciais e de vida demonstradas pelo seu cotidiano.

Certeau, estudioso do cotidiano, tem influído alguns pesquisadores sobre a importância de entender e resgatar o cotidiano como um forte componente na compreensão do espaço habitado pelo homem, por conter a historicidade humana e representar sentimentos e símbolos visíveis e invisíveis na compreensão da psique humana.

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempo empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo. (CERTEAU, 1994, p.189).

O pensamento acima revela a importância de estudar documentos romanescos ou literários como importantes documentos e testemunhos de vida do homem neste planeta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A integração de saberes é essencial para o avanço da ciência geográfica. Assim concluímos que este trabalho poderá contribuir com o campo teórico da Geografia, na tentativa de superar algumas dificuldades do conhecimento moderno, por meio da identificação entre Ciência e Arte, mais especificamente entre Geografia e Arte.

A geograficidade revelada através das poesias nos textos estudados, vista com as lentes geográficas e com suporte de referências veiculadas no âmbito da Geografia Humanística, reforça e contempla a importância da Geografia Cultural como inerente ao próprio desenvolvimento da epistemologia da Geografia. Foi possível perceber que a geograficidade se manifesta no homem ao lado das características de cada região, país ou nação, em paisagens rurais ou urbanas. Os aspectos universais sempre acabam aflorando, seja pela linguagem, pelas atitudes, pelos pensamentos verbais ou não, mas, a idéia de pertencimento, de territorialidade, dado pelo tempo nos espaços vividos, possibilita a compreensão dos homens e da sociedade neste planeta.

Para ampliar os horizontes da ciência geográfica, sentimos a necessidade imprescindível de estudar e entender o espaço geográfico como o habitat, onde se concretizam as relações sociais do homem com as condições da natureza do espaço. Portanto, para que a totalidade de um determinado espaço geográfico seja compreendida, constatamos que é de fundamental importância revelar também as ações e os sentimentos humanos que se realizam no espaço.

Nesse sentido a abordagem da Geografia Humanística possibilitou uma maior reflexão sobre o entendimento do mundo e de sua condição humana, por contemplar a qualidade dos testemunhos sobre a experiência concreta dos lugares, na tentativa de apreender os significados e valores que os seres humanos atribuem aos espaços e aos lugares, por meio da experiência perceptiva e do vivido dos lugares pelo homem e a sua coletividade.

Qualquer lugar, desde que faça parte da experiência de vida, fará parte inexoravelmente do tempo e do espaço, cujos valores atribuídos pelos homens aos lugares, são intermediados pela cultura. A Poesia, enquanto linguagem e manifestação cultural, produz um conhecimento criativo, capaz de revelar nossa condição humana, nossa existência, onde a geograficidade expressa a

espacialização dessa existência e dessa “comunicação” do indivíduo com a Terra, por meio de suas experiências.

Yoshinobu Seko, imigrante japonês, encontrou na região norte-paranaense, principalmente em Londrina –PR, um solo fecundo capaz de conferir à trajetória de sua vida, predominantemente rural, o trabalho e o sustento de sua família, assim como a inspiração de suas poesias. A sua Arte poética expõe, com bastante originalidade e personalidade, as lembranças e recordações das relações do cotidiano, de sua experiência de vida como lavrador, revelada no tempo da sua existência e de sua experiência nos lugares e nas paisagens vividas, nas mais diversas regiões do mundo.

As poesias de Yoshinobu Seko retratam o espírito da geograficidade, com um pensamento bastante profundo sobre a condição humana e suas territorialidades, por meio das memórias registradas sobre as mais diversas experiências, emoções, pensamentos, sentimentos vividos e ainda “vivos” em sua existência na Terra. Essas reminiscências se manifestam no resgate crítico ou saudoso de suas memórias, materializadas em suas palavras, permitindo identificar e analisar as transformações dos espaços rurais e urbanos, assim como as transformações das relações sociais, psíquicas e espaciais, entrelaçadas em sua relação de cumplicidade identitária com a Terra e em sua relação histórica com o processo de crescimento da ocupação regional norte-paranaense.

Essas transformações foram vivenciadas paralelamente a sua condição de lavrador, não só na cafeicultura como também no processo da entrada avassaladora da soja, do trigo e da pecuária, concomitantemente à criação dos filhos e a evolução da família.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria da Conceição; KNOBB, Margarida; ALMEIDA, Angela Maria.(Orgs.). **Polifônicas Idéias**: por uma ciência aberta. Porto Alegre: Sulina, 2003. p.317.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. Os Cantos e Encantamentos de uma Geografia Sertaneja de Patativa do Assaré. In: MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena B. (Orgs.) **Geografia e Literatura**: ensaios sobre a geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010. p. 141-165.
- BESSE, Jean- Marc. **Ver a terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.110p.Tradução de: Voir La terre.
- BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. 5 ed. São Paulo:Ed. Ativa. 1995. 80p.
- BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny.(Orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p.17-77.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano I**: artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994. 351p. Tradução de: The invention of everyday life: the arts of making.
- CORREA, Roberto Lobato.; ROSENDHAL, Zeny (Orgs.). **Cultura, espaço e o urbano**. Rio de Janeiro : EdUERJ, 2006. p.166.
- ENTRIKIN, Nicholas. O Humanismo contemporâneo em geografia. **Boletim de Geografia Teorética**. Rio Claro, v.10, n.19, p.05-30, 1980.
- FRY, Roger. **Visão e forma**. Tradução de Cláudio Marcondes. São Paulo: Cosac&Naify, 2002. p.360 Tradução de: Vision and desing.
- GEIGER, Pedro P. Ciência, Arte e a Geografia no cinema de David Lynch. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 15, p. 01-18, mar. 2004.
- IMAZATO, Satoshi. Rethinking the Humanistic Approach in Geography: Misunderstood Essences and Japanese Challenges. **Japanese Journal of Human Geography**, Osaka, v.54, n.6, p.38-62, dez.2007.
- LENCIONE, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo:Edusp, 1999. 214p.
- MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena B. Geograficidade, poética e imaginação. In: _____. **Geografia e Literatura**: ensaios sobre a geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010. p.07-15.
- MELLO, João Baptista Ferreira de. – **O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira : 1928 – 1931 – uma introdução à geografia humanística**.1991. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ. Rio de Janeiro.

MORAES, J.J. **O que é música**. Coleção primeiros passos; 2ª edição. Ed Brasiliense 1983. 105 p.

MOREIRA, RUY. **Para onde vai o pensamento geográfico?** : por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2006. 183 p.

PAIXÃO, Fernando. **O que é poesia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense. 1983. p.84.

PEREIRA, Gustavo Henrique Biscola. **Horizontes Geográficos**: a poesia de Yoshinobu Seko como expressão da geograficidade do espaço-ambiente. 2011.82f. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, UEL, Londrina.

PETRAGLIA, Izabel. **Edgar Morin**: A educação e a complexidade do ser e do saber. 2010. Disponível em: http://www4.uninove.br/groupec/EdgarMorin_Complexidade.htm> Acesso em: 31 out. 2011.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976. 156p.

_____. As bases fenomenológicas da Geografia. **Revista Geografia**. [S.l.]. v.4, n.7, p. 01-25, abr. 1979.

RIBEIRO, Cláudia Regina Vial. **Espaço-vivo**: as variáveis de um espaço-vivo investigadas na cidade de Diamantina, do ponto de vista dos músicos. 2006. Tese (Doutorado em Análise Espacial) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SEKO, Yoshinobu. **Poemas do lavrador**. [S.l.: s.n.], 1997.

SCHIMDT, Róbi Jair. Memórias e Mito político: reflexões teóricas. In: LOPES, Marcos Antônio. **Espaços da Memória**: Fronteiras. Cascavel: EDUNIOESTE, 2000. p.10-15.

TAKEUCHI, Keiichi. **Modern Japanese Geography**: An Intellectual History. Tokyo: Kokon Shoin, 2000, p.185-188, p. 209-211.

TUAN, Yi-Fu. A Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p.143-164.

_____. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983. 249p.

YAMANO, Masahiko. A bibliography of cultural/humanistic geography (1961-1986). In: NOZAWA, H. **Indigenous and foreign influences in the development of Japanese geographical thought**. Fukuoka: Kyushu University, p.71-84, 1989.

BIBLIOGRAFIA

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. **Reflexões sobre as tendências teórico-metodológicas da Geografia**. Belo Horizonte: Instituto de Geociências - UFMG. 1985. n.2. 56p.

_____. A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. **Sociedade & Natureza, Revista do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia**, Uberlândia, v.1, n.21, p.67-68, jan/dez.1999.

ARENDT, Hannah. **A vida do espírito**; o pensar, o querer, o julgar. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995. 392p.

BAILLY, Antoine S.; GREER-WOOTTON, Bryn. Behavioural geography in Francophone countries. **Progress in human geography**, v. 7, n. 3, p.344-356, 1983.

BACKER, J. The geography of Daniel Defoe. **Scottish Geographical Magazine**, n.47, p.257-269. 1931.

BENJAMIM, Walter. O narrador. In: BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política**; ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.. p.197-222.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 316p. Tradução de: Le pouvoir symbolique

BUTTIMER, Anne. Grasping the dynamism of lifeworld. **Annals of the Association of American Geographers**, v.66, n.2, p.277-292, 1976.

BUTTIMER, Anne. **The practice of geography**. Harlow: Longman, 1983. 298p.

CAPRA, Fritjof. **O Tao da Física**. São Paulo: Editora Cultrix, 2000. 274p.

DARBY, H. The regional geography of Thomas Hardy's Wessex. **The Geographical Review**, [S.l.]. n.18, p.460-480. 1948.

FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido**. Tradução de Antônio Gonçalves. Coimbra: Almedina, 1980. 220p. Tradução de: La region, espace vécu.

GILBERT, E. The Idea of region. **Geography**, [S.l.]. n.45, p.157-175, 1960.

GUELKE, Leonard. An idealist alternative in human geography. **Annals of the association of American geographers**, [S.l.].v. 64, n. 2, p. 193-202, 1974.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista – sua trajetória de 1950 a 1990**. 1992. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LEVINAS, Emmanuel. A morada. In:_____ **Totalidade e infinito**, 70. ed. Lisboa: [s.n.]. 1980. p.135-156.

LEY, David; SAMUELS, Marwyn S. (eds.) **Humanistic geography**: prospects and problems. Chicago: Maaroufa Press, 1978. 337p.

LOWENTHAL, David. Finding valued landscapes. **Progress in Human Geography**,[S.l.]. v.2, n.3, p.373-418, 1978.

MOLES, Abraham. **As ciências do impreciso**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. 371p.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Portugal: Publicações Europa-América, 1982. 268p.

_____. **O Problema Epistemológico da Complexidade**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1983. 134

_____. **Introdução ao Pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991. 177p.

_____. **Complexidade e Transdisciplinaridade**: a reforma da universidade e do ensino fundamental. Natal, EDUFN, 1999. 58p.

_____. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 128p.

MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Peirópolis, 2000. 263p.

OLIVEIRA, Livia de. Contribuição dos estudos cognitivos à percepção geográfica. **Geografia**, Rio Claro, v.2, n.3, p. 61-72, 1977.

PATERSON, J. The novelist and his region: Scotland through the eyes of Sir Walter Scott. **Scottish Geographical Magazine**, 1965, n.81 (3), p.146-152.

POCOCK, Douglas C.D. (ed.) **Humanistic Geography and literature**: essays on the experience of place. London: Croom Helm, 1981. 224p.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: UNESP, 1996. 199p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Da ciência moderna ao senso comum. In:_____ **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2001. p. 55-118.

TUAN, Yi-Fu. **Topophilia**: a study of environmental perception, attitudes, and values. Englewoods Cliffs: Prentice-Hall, 1974a. 260p.

_____. Space and Place: Humanist Perspective. In: BOARD, C.; Chorley, R.J.; Haggett, p. e Stoddart, D.R. (eds.) **Progress in Geography**. London : E. Arnold, 1974b. p. 211-252.

WRIGHT, John K. *Terrae Incognitae: the place of the imagination in Geography*. **Annals of the Association of American Geographers**, [S.l.]. v.37, n.1, p.01-15, 1947.